ÓTICA SOCIOLÓGICA DO USO DE TÓXICOS*

NEI ROBERTO DA SILVA OLIVEIRA**

1. Metodologia; 2. Situação social do uso de drogas; 3. Análise das "vantagens" do uso de drogas; 4. Mecanismos de acesso à droga; 5. O processo de abandono do uso da droga; 6. A droga como opção; 7. A droga para os outros — um confronto de experiência; 8. Glossário.

1. Metodologia

1.1 *Objetivos*

Esta pesquisa[1] é uma tentativa de superar barreiras de acesso ao assunto drogas através da concepção dos próprios usuários. Tem assim um caráter exploratório, mais ainda por se desejar conhecer as etapas pelas quais os jovens passam a utilizar-se dos entorpecentes. O trabalho está

* Por que decidimos incluir nesta *Revista de Ciência Política* essa pesquisa sobre uso de tóxicos? Correndo os olhos pelo trabalho, a idéia seria inseri-lo numa publicação de assuntos sociológicos. Mas outras razões acodem ao espírito, nascidas da convizinhança dessas diversas disciplinas do campo das ciências sociais. E a principal é, evidentemente, o vivo cunho político que marca todas elas.

Em segundo lugar, a observação de que, atualmente, a disseminação do uso de entorpecentes oferece aspecto jurídico-político bem nítido, desde que está a exigir, por parte dos poderes públicos, enérgicas medidas de repressão. Ora, tais medidas são de ordem normativa, pendentes, portanto, das técnicas legislativas e guiadas por certo tino político dos órgãos incumbidos de preservar a saúde coletiva. O melhor conhecimento de como se disseminam tais usos atentatórios ao bem-estar social torna-se indispensável à segurança daquelas medidas.

Percebe-se, pois, claramente, que o sentido político é, por assim dizer, o sentido vigilante da oportunidade e alcance da ação disciplinadora que se está a exigir das autoridades. E todas essas medidas se conjugam no agitado cenário da vida política contemporânea.

Tais são as razões que nos levam a abrir espaço em nossas páginas ao estudo que segue. (N. da R.)

** Sociólogo e coordenador do Curso de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais, do Instituto de Direito Público e Ciência Política da Fundação Getulio Vargas.

1 Esta pesquisa foi realizada em convênio entre o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais e a Division de Sciences Sociales Apliquées da Unesco.

fundamentado exatamente nos relatos dos entrevistados, classificados em usuários intensos, moderados e esporádicos. A ênfase aqui é descritiva da situação, com preocupação quantitativa menor. Com tal procedimento, tentar-se-á analisar sociologicamente como este novo hábito influi nas atitudes e comportamentos da população jovem.

Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo principal encontrar indicadores de como e quando ocorreu a formação do hábito de uso de drogas.

1.2 *Coleta de dados*[2]

A partir da análise da bibliografia levantada,[3] decidiu-se utilizar como instrumento de coleta de dados um roteiro dirigido aos informantes que fazem uso de drogas. Este roteiro, bastante flexível, teve como objetivo facilitar e ordenar as informações colhidas nas entrevistas em profundidade. Desta maneira, as entrevistas foram realizadas de modo bastante informal. Depois de cada entrevista feita, com base nas anotações tomadas, um completo relatório era redigido, incluindo na medida do possível as próprias palavras dos informantes.

Após explicar o propósito da pesquisa e assegurar ao informante que seu anonimato seria preservado, perguntava-se se ele estaria de acordo em colaborar, dando um depoimento sobre sua experiência com tóxicos, através de uma entrevista.

Seria conveniente esclarecer que os primeiros contatos foram indiretos, isto é, através de conhecimentos dos próprios pesquisadores, que entraram em contato com jovens que, *a priori,* sabia-se serem usuários de drogas. A partir daí solicitava-se sua colaboração. Acreditamos que a confiança depositada no entrevistador contribuiu efetivamente para a realização das mencionadas entrevistas. Caso o jovem recusasse participar da pesquisa como informante, nenhuma insistência deveria ser feita.

Ressalte-se que após o término de cada entrevista perguntava-se ao informante se ele estava de acordo em colaborar um pouco mais, entrando em contato com um amigo, evidentemente que também utilizasse tóxicos, e solicitando-lhe sua colaboração por meio de uma entrevista sobre a sua experiência com drogas. É significativo mencionar que tal procedimento alcançou os resultados esperados, contribuindo para o crescimento da população estudada.

[2] Registro aqui a significativa colaboração da estudante de Ciências Sociais, Teresa Cristina de Oliveira, pela realização de entrevistas em profundidade. Estendo ainda meus agradecimentos aos sociólogos Carlos Alberto de Medina (diretor do CLAPCS) e Olavo Brasil de Lima Júnior (professor do Iuperj), que leram e comentaram esta pesquisa.

[3] Veja bibliografia no final deste artigo.

Acrescente-se que não pretendemos apresentar conclusões neste trabalho de pesquisa exploratória, pois o tema em si permite, pelo contrário uma série de indagações mais amplas, como poderá ser observado ao longo de nossas apreciações.

1.3 *Receptividade às entrevistas*

Até se chegar à entrevista, já haviam sido realizados no mínimo três contatos com o informante: o primeiro, como dissemos anteriormente, de maneira indireta; o segundo, após a aceitação, girava em torno da escolha do local para a entrevista. Em relação ao local decidiu-se que, dentro do possível, a entrevista seria feita onde o informante se sentisse mais à vontade. Assim, foi realizada: na casa do informante, num bar, numa praça pública ou mesmo na casa do entrevistador. Evidentemente, o estabelecimento de contatos por telefone ou mesmo pessoalmente, antes de cada entrevista, facilitou o que chamamos de confiança do informante em relação ao entrevistador. Assim sendo, a receptividade à entrevista foi considerada adequada, tendo em vista o assunto abordado. Sabe-se que há uma lei de repressão aos tóxicos e a reação inicial do informante era de apreensão, querendo saber o que se pretendia com a entrevista. Finalmente, no terceiro contato, a entrevista era realizada.

É preciso citar também que alguns jovens concordaram a princípio em fazer a entrevista e depois, por motivos alheios à nossa vontade, desistiam de colaborar. Outro aspecto que deve ser mencionado diz respeito à duração de cada entrevista. Constatou-se que a duração média das entrevistas foi de 1h30min, sendo que algumas duraram um mínimo de 1 hora e outras um máximo de 2h40min. Conseqüentemente houve um total de 65 horas de entrevistas.

Ao todo entrou-se em contato com 70 jovens, residentes na cidade do Rio de Janeiro, tendo sido feitas 40 entrevistas.[4] Acrescente-se ainda que toda a pesquisa foi realizada num período de 10 meses (em 1977).

1.4 *A escolha dos informantes*

Além do que já foi mencionado, considerou-se como um informante qualificado nesta pesquisa aquele que apresentasse os seguintes aspectos:
a) estar utilizando drogas num período superior a um ano, pois acredita-se que isto permitiria ao informante condições de efetivamente ter passado por diferentes etapas do processo do uso de drogas; ou
b) ter usado tóxicos por um período superior a um ano.

[4] Veja anexo 1 — Quadro sintético das características dos informantes.

Tais critérios quanto à escolha do informante deve-se à tentativa de estudar, como já foi mencionado, as verdadeiras etapas do processo do uso de drogas, desde o início, isto é, desde a primeira vez até os dias atuais. Conseqüentemente a própria história de vida dos informantes será abordada neste trabalho.

1.5 *Características socioeconômicas dos informantes*

O levantamento das características socioeconômicas dos informantes nos leva a considerá-los como pessoas pertencentes às camadas médias e altas da população. Neste levantamento consideramos os seguintes indicadores: renda familiar, local e tamanho da residência, família de origem possuir ou não casa de campo/fazenda, profissão e nível de escolaridade dos pais, quantia recebida pelo trabalho remunerado e quantia recebida como mesada.

2. Situação social do uso de drogas

2.1 *Características da primeira vez em que os jovens usaram drogas*

É possível afirmar que na primeira vez em que os informantes usaram drogas eles estavam com amigos ou pelo menos com um outro amigo. Dos 40 entrevistados nenhum afirmou estar só nesta primeira situação. Destaca-se um predomínio de quatro a seis pessoas no grupo[5] mas foi comum afirmar: "Meu melhor amigo (mesmo ainda hoje) levou maconha e eu decidi fumar."

Examinando os dados coletados, observou-se que o nível de informações anterior a essa primeira experiência havia sido dado principalmente por amigos que já usavam tóxicos. A maioria dos informantes mencionou: "Meus amigos falavam muito." Alguns apresentaram explicações: "Conhecia muita gente que tomava uma porção de coisas e eu tinha bastante curiosidade em experimentar."

Destacava-se que a idade dos informantes quando usaram drogas pela primeira vez variava predominantemente entre 14 e 18 anos: encontravam-se nessa faixa etária 37 informantes; três informantes tinham de 11 a 13 anos.

[5] O significado do termo "grupo" utilizado nesta pesquisa baseia-se na definição de "pequeno grupo" dada por Clovis R. Shepherd: "... duas ou mais pessoas interagindo". Shepherd, Clovis R. *Pequenos grupos — aspectos sociológicos.* São Paulo, Atlas S.A., 1964. p. 16-7.

Por outro lado, desses 40 entrevistados, 26 afirmaram ter fumado maconha nessa primeira vez, seis tomaram *bolinha,*[6] três cheiraram lança-perfume, um cheirou Kelene, um tomou xarope Romilar, dois tomaram chá de cogumelo e um cheirou cocaína.

Em relação ao local em que ocorreu esta primeira experiência, foi apontada principalmente "casa de amigo", seguida de casa de campo, colégio, praia deserta, dentro de um carro; alguns indicaram apenas a época, como: no baile de carnaval, no *réveillon,* numa festa, etc.

Observou-se que o relato da primeira vez é sempre justificado; algo aconteceu, houve um motivo e daí se tomou tóxico. Vejamos alguns depoimentos: "Isto aconteceu quando eu tinha 18 anos. Meus amigos começaram a fumar maconha em 1968, eu já tinha lido uma coisa ou outra (sobre drogas) e tinha um certo preconceito, mesmo em relação aos Beatles, coisa jovem... Em 1970 entrei para a faculdade, lá tomei contato com pessoas que fumavam maconha e expressavam isso nos próprios desenhos. Nas férias de julho eu já estava envolvido (com esse pessoal) sem jamais ter experimentado (maconha). Inclusive eu dizia aos amigos que fumava, mas não era verdade.

Então resolvi experimentar, mesmo acreditando que havia uma dependência física. Falei com um amigo, fomos para a casa dele — eu morrendo de medo. Fumei um pouco e fiquei doidíssimo (esse amigo já fumava). Fiquei doidíssimo — não sei explicar —, não consegui perceber muito o que estava acontecendo. Eu fazia coisas que eram do *barato.* Foi uma coisa boa, mas o tempo todo fiquei um pouco apreensivo."

Destaca-se neste depoimento que o início é sempre cheio de preocupações, pois há um receio implícito do vício.

Eis as palavras de outro informante: "Isto aconteceu antes de um jogo de bola. Disseram que *bolinha* dava mais resistência física. Foi no colégio em que eu estudava e a gente não podia perder. A idéia partiu de dois *caras* mais velhos, repetentes. Eles compraram e a gente só teve o trabalho de tomar. Nessa primeira vez eu não gostei; deu mais coesão ao grupo mas não sei se eu precisava disto. Tudo isso tinha um sentido de coisa proibida, mas eu senti mais cansaço do que sentia normalmente. Com esse grupo só houve essa vez."

O informante nesta época tinha 14 anos e, como ele mesmo frisou, a influência do grupo foi bastante marcante. Como já mencionamos, algo

[6] Entende-se por *bolinha* os comprimidos citados pelos informantes, que foram ingeridos com bebida alcoólica. Foram eles:
Artane: segundo as *Bases farmacológicas da terapêutica* (veja bibliografia deste artigo), esta substância tem sido usada desde 1949 no tratamento sintomático da doença de Parkinson. Doses elevadas levam à confusão mental, delírio, agitação e alucinações;
Tetracloretileno (veja bibliografia): substância usada na quimioterapia das helmintíases, e que provoca: tonturas, inebriamento e, raramente, perda de consciência;
Mandrix: segundo o *Dicionário de especialidades farmacêuticas* (1973) é hipnótico, sendo indicado em todas as formas de insônia;
Optalidon (veja também bibliografia): indicado para qualquer tipo de dor.

aconteceu — um jogo de bola —, houve um motivo — "a gente não podia perder" —; conseqüentemente a *bolinha* era indispensável.

Um outro aspecto que surgiu em algumas entrevistas, justificando o processo de iniciação ao uso de drogas, diz respeito a uma problemática familiar. Eis o relato de um informante de 20 anos: "Meus pais tinham brigado. Ele estava desempregado na época e a situação financeira lá de casa não era nada boa. Eu me enchi de ouvir aquela discussão e ia sair de casa quando meu pai jogou o copo de bebida no chão. Um caco caiu na minha perna me cortando e aí saí que nem um louco. Encontrei uns amigos que *transavam altas*. Eles já haviam me convidado antes mas eu nunca tinha aceitado, era contra *essa* deles... Naquele dia eles me ofereceram uma *puxadinha* (maconha) e eu aceitei logo. Daí pra frente foi uma atrás da outra. Éramos sempre um grupo de cinco."

Neste depoimento observa-se que uma situação problemática resultou numa decisão em se utilizar tóxico. Entretanto, já havia um conhecimento, por meio dos amigos, dessa possibilidade de experimentar algo novo. Apesar do informante afirmar que "era contra *essa* deles", isto parece discutível quando em seguida fala: "Daí prá frente foi uma atrás da outra."

Outra informante baseia-se também numa problemática familiar para justificar a primeira vez em que utilizou drogas. Eis seu depoimento: "Eu estava revoltada com a minha mãe e com a situação lá de casa; meu pai verdadeiro mora na Argentina e minha mãe fez com que eu perdesse o contato com ele por meio de cartas. Bem, seria explicar todo um *rolo* de família e eu levaria um bom tempo. Pra resumir, eu era obrigada a chamar de pai um homem que nem se importava comigo. Meu irmão não ligava, é mais velho e quase não parava em casa; apoiou minha mãe e por isso é o queridinho dela até hoje.

Conheci umas amigas do colégio em que estudava e comecei a sair com elas. Na época eram o que se pode chamar de moderninhas e eu fiz tudo para acompanhá-las. Nosso colégio era no Jardim Botânico e *matávamos* aula para paquerar nas praias; ficamos conhecendo uns *caras* que andavam à toa, sem estudar e trabalhar.

Começamos então a imitá-los; eles nos ofereceram maconha e nós aceitamos *de cara*. Foi numa praia, de tarde e foi um *barato*. Eu me senti muito leve, desligada de tudo, só queria *curtir* o momento. Ria sem parar, brincava com a areia e fazia muitos gestos."

Outro aspecto constante entre os jovens é a necessidade de se identificar com o grupo. Conseqüentemente, a influência dos amigos para iniciar um novo hábito é algo quase esperado. Assim sendo, passar a usar droga pode expressar a entrada de fato num grupo. Esta entrada no grupo, por intermédio da droga, significa participar de experiências que extrapolam os limites do que é permitido ao jovem.

Entende-se assim a necessidade em justificar a primeira experiência por motivos alheios à própria vontade dos jovens, como estamos tentando apresentar através dos relatos. Vejamos o relato deste informante de 21

anos: "Eu antes recriminava, tinha até um certo preconceito por pessoas que *transavam* tóxicos e perdiam a lucidez. Meu irmão (hoje com 19 anos) fumava maconha e eu vivia chamando-o de maconheiro, e isso é a pior coisa. Lá em casa, por causa dele e de outras coisas, o ambiente era péssimo. Um dia fui à casa de minha prima e no meio da conversa ela me disse que *transava* fumo. Fiquei curioso, comecei a fazer perguntas, e ela a fazer uma certa campanha. Disse ela que a gente ficava *numa boa,* sem grilos e até mais inteligente. Ela tinha em casa um *baseado* e me convidou para experimentar. Foi um *barato.* Fomos até uma rua deserta perto da casa dela, já era tarde, eu estava com um medo danado de alguém nos ver, sentir o cheiro, chamar a polícia."

Sabe-se que a influência de amigos para dar início ao hábito de se utilizar drogas já tem sido assinalada por vários autores. Cita-se o *survey* realizado por Kandel, que afirma: "Furthermore, most drug users report that they were first introduced to the drug by a friend."[7]

Um terceiro aspecto que se observa nos relatos é a "conotação de mistério" que envolve o uso de tóxicos. Uma das razões disto acontecer tem conexão imediata com o fato do uso de drogas ser ilegal e violar as normas existentes.

Enfim, o uso inicial da droga ocorre em situações em que o usuário é extremamente jovem e encontra-se realmente associado a duas dimensões. Por um lado, o jovem sempre justifica o uso. Por outro, essa justificativa é sempre associada a uma dimensão social: ou refere-se a um grupo de amigos, onde a droga é uma forma de incorporação social, ou menciona-se um quadro familiar problemático.

2.2 *Características da segunda vez em que os jovens usaram drogas*

Apesar dos motivos apresentados para se usar droga pela primeira vez tenderem para uma autojustificação, tal não parece acontecer em relação à segunda vez. A decisão em aceitar qualquer oferecimento da mesma ou de outra droga é rápida e há mesmo uma certa iniciativa em adquiri-la. Observou-se que, dos 40 jovens entrevistados, 26 usaram tóxico pela segunda vez na mesma semana, sendo que, desses, dois no mesmo dia da primeira vez, cinco no dia seguinte, sete na segunda semana depois da primeira vez, e apenas outros sete experimentaram depois de um mês.

Nesta segunda experiência, dos 40 jovens, 35 fumaram maconha, quatro tomaram *bolinha* com bebida alcoólica e um cheirou cocaína.

Neste item pretendemos dar um quadro descritivo de como ocorreu a segunda experiência com tóxico entre os nossos informantes.

[7] Kandel, Denise. Inter and intragenerational influences on adolescent marihuana use. *The Journal of Social Issues, 30*(2):107-35, 1974.

Em seguida, apresenta-se o testemunho de um jovem: "Foi num *show* de *rock;* aconteceu uma semana depois. Havia gente fumando e eu pedi um *tapinha.* Era um *show* de *curtir* som, mas desta vez não senti nada. Fiquei louco que fizesse efeito, mas não fez. Ainda fiquei com um pouco de medo.

Depois disso, foi uma fase que eu fumava demais, fumava em grupo, fumava sozinho, ia para a aula *doido,* dirigia *doido,* ia para a praia *doido,* tudo."

Eis o relato de outro jovem de 18 anos: "A segunda vez não tinha muito tempo não, talvez umas duas semanas. *Transei* um calmante chamado Mandrix, tomei dois e logo em seguida *puxei um baseado.* Fazia sempre assim que é pra dar mais sensação. A gente fica igual a um bêbado, faz as coisas mais incríveis, *saca* coisas que *careta* você não faz de jeito nenhum.

Estávamos num grupo de quatro; conheci uma garota nesse dia e foi ela quem me deu a *bola.* Fomos para uma praia, tiramos a roupa, era bem tarde e não tinha praticamente ninguém. Mergulhamos nus, brincamos na água e *transamos* várias vezes seguidas na areia. Estávamos tão *ligados* no *barato* que não percebemos que a bolsa dela foi roubada. Esse negócio de dizer que a potência diminui é *cascata,* pelo contrário, tanto eu quanto ela tínhamos uma disposição muito grande."

Este relato atribui efeitos fisiológicos à maconha e ao Mandrix, que não são mencionados pela literatura especializada. Jaffe, referindo-se à maconha diz: "Quando a substância é inalada pela fumaça, os efeitos ocorrem dentro de poucos minutos e a sua duração é relativamente pequena; após a ingestão de resinas mais purificadas, os efeitos começam a se fazer sentir somente depois de meia ou uma hora, persistindo de duas a cinco horas. Não existem efeitos maléficos persistentes com o uso abusivo de maconha e nenhum caso fatal foi até hoje relatado. Quando se fuma a droga, há geralmente aceleração do pulso, ligeiro aumento da pressão arterial e congestão vascular da conjuntiva; a glicemia está ligeiramente elevada; há vontade premente de urinar, sem diurese; ocorrem ainda secura da boca e da garganta, náuseas, vômitos e ocasionalmente diarréia. O aumento do apetite (especialmente para doces) e a fome são característicos."[8]

Por outro lado, de acordo com este mesmo autor "os efeitos subjetivos da substância dependem não só da personalidade do viciado, mas também da dose, do modo de administração e das circunstâncias específicas na qual a substância é usada. A reação mais comum é o desenvolvimento de um estado de sonolência, com sonho e perturbação da consciência, na qual as idéias vêm numa seqüência ininterrupta, coisas há muito esquecidas

[8] Jaffe, Jerome H. Vício por drogas e medicamentos. In: Goodman, Louis S. & Gilman, Alfred. *As bases farmacológicas da terapêutica.* 3. ed. americana/3. ed. brasileira. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1967. p. 259-82.

são relembradas e outras bem conhecidas não podem ser recordadas. A percepção está perturbada, minutos parecem horas, e segundos parecem minutos; o espaço fica amplo e objetos próximos parecem muito distantes. Quando grandes doses são usadas, podem surgir alucinações extremamente vívidas; são geralmente agradáveis, mas o seu colorido, a sexualidade ou outra característica está mais relacionada com a personalidade do viciado do que com os efeitos específicos da substância. Alterações nítidas do humor são freqüentes; há uma sensação extrema de bem-estar, exaltação, excitação e alegria interior."[9]

Achamos conveniente apresentar as observações de Jaffe sobre os efeitos subjetivos da maconha em diferentes etapas deste relatório porque tais efeitos são discutidos pelos jovens que os consideram como algo positivo.

Vejamos a segunda experiência com tóxico de outro jovem: "Foi no dia do meu aniversário. Ganhei três cigarros de um amigo como presente. Tinham-se passado uns três meses que eu não *transava* nada. Era *diamba* (maconha); fumei os três de uma só vez. Não enxergava nada e achava que o mundo era cheio de homens selvagens, não me senti bem, andava como um bêbado e fiquei nervoso. Quando fumei das outras vezes a sensação foi diferente. Muito melhor."

O que está implícito neste relato é o aspecto social; a maconha, neste caso, foi um presente de aniversário. Tal presente estimulou o consumo imediato ("fumei os três de uma só vez") resultando num efeito considerado pelo informante como desagradável ("... não me senti bem, andava como um bêbado e fiquei nervoso"). Entretanto, o jovem afirma que houve outras vezes ("... a sensação foi diferente. Muito melhor.") O que se questiona e tenta-se compreender são as próprias etapas do processo de se utilizar drogas.

Em suma, a segunda experiência com tóxicos caracteriza-se em acontecer predominantemente na mesma semana da primeira vez, a autojustificação para o consumo tende a desaparecer, utiliza-se geralmente a mesma droga da primeira experiência (neste estudo principalmente a maconha) e inicia-se efetivamente o envolvimento com tóxicos.

2.3 *Características do hábito do uso de drogas*

Convém lembrar que a ênfase neste estudo é descritiva da situação que envolve o uso de drogas. Conseqüentemente, nesta parte da pesquisa tentar-se-á conhecer o próprio hábito de se utilizar entorpecentes. Vimos algumas características da primeira e da segunda vez que os jovens usaram drogas e agora nosso interesse concentra-se na situação social que envolve o próprio hábito.

[9] Id. ibid.

Como será possível visualizar nos relatos dos jovens durante o processo do uso de drogas, isto é, no período do vício[10] em si, ocorrem transformações nas relações familiares, nas relações de amizade — estas se tornam crescentes em termos de dependência ao grupo — e há uma tendência a criar um mundo próprio, desligado do mundo de relações anterior ao hábito.

Supomos que à medida que o hábito avança e se torna um vício, o relacionamento familiar do jovem tende a ser mais conflitivo. O que parece prevalecer é um conhecimento da alteração da sua vivência pessoal, mas há também o receio da ação da família se souber deste novo hábito.

Assim, o jovem acredita ter o domínio de suas decisões, mas depende financeiramente da família, pois apesar desta "força", desta forma de se sentir mais forte, ele continua morando com a família e dependendo dela para se manter. O jovem adota uma conduta desviante, mas não está marginalizado, uma vez que se mantém dentro do convívio familiar, de uma maneira conflitiva ou não, e está vinculado ao sistema por uma situação de estudo ou trabalho.

O relato que se segue expressa o próprio processo de envolvimento do uso de tóxicos.

Eis as palavras de um jovem que tem atualmente 21 anos: "Com 15 anos eu estava viciado em cocaína, eu roubava, foi um salto da maconha para a cocaína. Já comprava em dosagem grande, comecei a gostar, ficava mais *elétrico,* depois entrava numa depressão; na hora me satisfazia, depois eu perguntava por que fiz isso. Com 16 anos, fui preso. Eu tinha viajado para o Sul, mas disse a meus pais que tinha ido para Minas. Levei 250 gramas de *fumo.* Fui sozinho; lá eu estava vendendo *fumo,* vendia pelo dobro do preço do Rio; lá eu podia também comprar ampola de Pervitin.

Lá em Porto Alegre eu tinha tomado um ácido junto com um amigo. *Pegaram no ato* (isto é, foram presos) vendendo, sabe como é, um *cara* foi preso e falou que um *cara* do Rio estava vendendo (eu). Quando saí de um baile fui preso, tiraram as minhas calças e acharam, pegaram tudo, tinha ácido, cocaína e maconha. Fiquei preso durante oito dias — passando fome, fui até medicado de tanto apanhar —, a polícia queria os 6 kg. que eu dizia que tinha mas não tinha. Quando cheguei em Porto Alegre falei para conhecidos que tinha 6 kg. de maconha para vender, mas isto não era verdade — eu falei isso só para vender mais. Depois de levar tanta *porrada,* eles (a polícia) viram que eu não tinha os 6 kg.

Fiquei preso com um *monte* de gente, depois passaram um telex para o meu pai. Ele pegou um avião e foi me tirar. Fui ao juiz, peguei li-

[10] Na medida em que o hábito se acentua, marcando uma forte dependência do uso de tóxicos, estamos diante de um padrão de comportamento que caracterizaremos como vício. Adotamos nesta pesquisa a mesma concepção de vício expressa por Jaffe, Jerome H. op. cit. p. 259-60.

berdade condicional por 90 dias. Tinha de ir ao juiz duas vezes por semana. Isso não representou nada, mas fiquei chocado por apanhar. Fui preso, maltratado, não podia passar por isso na vida. Nunca parei de fumar (maconha); parei de vender."

Continua o informante: "Eu roubava para obter a cocaína, na hora eu fazia tudo para conseguir (cocaína), no dia seguinte eu queria de novo. Nessa época eu roubava em casa, na rua, em qualquer lugar. Não vinha em casa, com cocaína eu ficava superligado. Quando eu cheirava, eu explodia. Tinha vontade de brigar, xingava, eu brigava muito com minha avó. O *fumo* (maconha) já não é assim, com *fumo* eu me controlo.

Ácido (LSD) eu sempre tomava, umas duas vezes por semana. O efeito era maior que a cocaína, me separava das pessoas, queria fugir do mundo real. Ácido era mais caro, não dava para tomar todo dia. Na fase intensa de cocaína eu nem mais usava água destilada para aplicar na veia, eu puxava com o próprio sangue e injetava com cocaína. Depois eu bebia, ia para o samba, não podia ficar parado, se eu deitasse eu ficava desesperado."

No relato deste jovem fica bastante evidente que quando o uso de drogas extrapola os limites dos padrões de tolerância da sociedade, a reação do sistema, neste caso manifesta através da polícia, é imediata, pois a sociedade não permite um comportamento divergente. O jovem em questão, na época um adolescente, ao ser preso, foi tratado como um delinqüente.

É significativo mencionar que uma das conclusões de uma pesquisa realizada pela Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo foi: "Os toxicômanos não podem ser considerados marginais, pelo menos no sentido social e econômico do termo. A grande maioria exerce ocupações produtivas."[11] Neste mesmo trabalho é sugerido ao MEC — em forma de recomendações — uma atuação neutra, sem exortações morais de comunicação de massa, e lembrada a importância de desmistificar o tóxico.

Vimos no relato anterior que o jovem em questão, logo de início, afirmou: "Com 15 anos eu estava viciado em cocaína..."; o que nos chamou a atenção nas entrevistas realizadas é que utilizar a expressão "viciado" em relação a si mesmo foi feito por um número bastante restrito de informantes. Houve da nossa parte toda uma preocupação em não utilizar expressões que pudessem ser vistas como rótulos e conseqüentemente inibissem os informantes. Daí, quando surgiam nos relatos "vício", "viciado", etc., tais expressões devem ter um significado que caracteriza de fato o grau de envolvimento com os tóxicos, segundo os próprios informantes.

A descrição da experiência de outro jovem, que atualmente tem 24 anos, expressa bem a importância que é dada ao grupo de amigos e à

[11] Pesquisa diz que viciado não deve ser visto como marginal. *O Estado de S. Paulo*, 18 dez. 1973.

sua situação conflitiva frente à família. Eis seu relato: "Houve uma fase em que eu cheirava *pó* (cocaína) quase todo dia. Outras vezes a quantidade era maior. O efeito é muito rápido, é caro, bem mais caro, é difícil achar um *pó* bom. O *bacana* é o ritual que se faz. Faz-se *carreirinhas,* cheira-se uma *carreira,* depois outra, depois outra. Com *pó* fala-se muito, sai até briga para ver quem vai falar. O *pó* corta a fome. O *pó* vicia pela depressão que dá. Quando o efeito acaba dá vontade de cheirar mais. Mexe com o teu físico. Um dia cheguei em casa muito *doido.* Abri a porta de casa e caí; meu pai ficou desesperado, chorava, zangava-se. Era a gota d'água: chorei, falei uma *porrada* de coisas. Falei para meu pai que fumava maconha. Para ele foi um choque. Todo mundo (a família) estava jantando, eu entrei e caí. Meu pai nunca tinha percebido nada disso. Não sei como, era muita falta de percepção. Depois disso mudei de prédio (a família mudou-se)."

Continua o jovem: "Depois que mudei de prédio tinha que ocupar o dia de alguma maneira; fui trabalhar. Durante seis meses eu só ia em casa para dormir.

Eu acho que, quanto à minha ligação ao tóxico, meu pai e minha mãe também têm culpa. Meu pai é muito fechado, ele nunca *se tocou;* alguma coisa estava acontecendo, ele não percebia. O papel do pai e da mãe é *bater um papo* também.

Eu procuro utilizar a *doideira* lendo um livro, desenhando, ouvindo música; não tem *grilo.* Nunca fui *doidão* para o trabalho, não *casa* bem. O meu trabalho não permite. Ácido e *fumo* são coisas mais para *dentro* O *fumo* pode ser um calmante também, um relaxante."

Nesta descrição nota-se que após o incidente o jovem em questão afastou-se mais ainda da família e houve de imediato uma mudança na sua rotina de vida (mudança de bairro, começou a trabalhar). Entretanto, é possível verificar em seu relato que mesmo assumindo uma atividade profissional o hábito de usar drogas permaneceu. O que surgiu de novo foi sua explicação para conciliar trabalho e uso de drogas.

É possível afirmar que a maioria dos jovens entrevistados, principalmente os usuários esporádicos e moderados, tentam conciliar suas atividades de estudo e trabalho com o uso de drogas. Então pergunta-se: seriam esses jovens estudados num grupo marginalizado? Parece pouco provável. O que acontece efetivamente é que há procedimentos que caracterizam a situação que envolve o ritual para se usar drogas, como estar geralmente em grupo, sentar em círculo para preparar o cigarro de maconha, preparar as *carreirinhas* para cheirar cocaína e manter a situação fora do conhecimento daqueles que se supõe possam denunciá-los. Sabe-se perfeitamente que os jovens estão conscientes de que fazem algo que não é permitido pela sociedade.

O ritual da droga se mantém não tanto pela identificação com os procedimentos que caracterizam a situação mas principalmente por reforçar as relações sociais dentro do grupo.

O relato que se segue expressa, além do próprio processo de se utilizar drogas, a transmissão de experiência entre os jovens. Eis as palavras de um informante, atualmente com 20 anos: "Descobrimos em Minas, num acampamento, que o estrume da vaca exposto ao sol e à chuva dava origem a uma espécie de cogumelo. Um *cara* já havia experimentado e nos ensinou a fazer um chá. Fizemos um chá com 120 cogumelos e ficamos mais ou menos 16 horas *ligados*. Foi horrível. Víamos a casa (tenda do acampamento) subir e descer, tínhamos a sensação de não estar respirando; eu tinha tomado só um pouco e fiquei apavorado ao ver todos passando mal."

Observa-se que o hábito em si divide o mundo de relações do jovem que se vê entre o grupo, no qual encontra o apoio que pensa necessitar, e a família, da qual tenta se afastar, pois o relacionamento tende a ser mais conflitivo.

Há uma auto-admiração pelas vivências, que se acumulam através dos efeitos da droga, que entram em choque com os valores da sociedade. Além disso, o processo de envolvimento do uso de tóxicos é extremamente rápido, e num período bastante curto, o conhecimento dos efeitos das drogas já lhes permite classificá-las segundo a preferência que se caracteriza como as vantagens ou desvantagens, em que se usa esta ou aquela droga.

3. Análise das vantagens do uso de drogas

Nesta etapa de nosso estudo tentar-se-á encontrar indicadores das possíveis *vantagens* de se utilizar tóxicos, segundo a opinião dos informantes.

Entendemos *vantagem* em utilizar drogas como toda conotação que pudesse expressar uma valorização, uma característica da droga vista de uma maneira positiva pelo usuário. Nossos informantes mencionaram diversas *vantagens,* segundo as drogas que experimentaram (quadro 1).

Quadro 1

Tipos de drogas	*Vantagens* de uso segundo os informantes*
Maconha *Cannabis sativa*	a) Pensa-se melhor, abre a mente, descobre uma outra maneira de raciocinar, dá uma visão diferente das coisas, abre as idéias, fica-se com a *cuca numa boa*

Tipos de drogas	*Vantagens* de uso segundo os informantes*
	b) Dá uma vontade muito grande de rir/rir de alegria/ rir à toa/ dá uma alegria fora do comum/ sente-se uma satisfação muito grande/ fica-se eufórico/ supereufórico. c) Dá uma tremenda paz de espírito/ é calmante/ desliga-se do mundo. d) Dá mais disposição/ vontade de dançar/ vontade de *transar* sexo/ vontade de falar. e) Apetite dobrado/ fome de cão.
Cocaína	a) Dá uma agitação incrível/ dá uma vontade muito grande de andar. b) Com *pó* fala-se muito/ fala-se *pra cacete.* c) *Curte* a maior disposição/ dá mais sensação.
LSD	a) É uma transformação total, indescritível, na parte visual há uma transformação completa/ a riqueza do ácido não é só visual, há uma parte mais profunda/ com ácido se vê de um modo diferente, e mais colorido. b) É uma experiência fascinante/ foi a coisa mais incrível da minha vida/ é mais rápido, mais intenso. c) Ninguém te engana com ácido/ com LSD se vai ao *fundo,* é uma coisa para dentro de si. d) Com LSD se *curte* muito mais o momento/ dá uma tremenda *ligação.*
Cogumelo	a) Tudo é muito colorido/ vê-se um colorido deslumbrante/ as cores eram mais vivas e formavam novas cores/ tudo fica mais colorido/ o efeito visual é lilás. b) A gente vê tudo diferente/ vi muita coisa que *careta* não se vê/ tem um poder ótico fantástico/ tudo muda de cenário lentamente/ é uma *viagem* que vai pra outro mundo. c) Tudo roda muito/ as coisas rodam sem parar/ eu saio da realidade/ a cabeça fica em rotação. d) A gente fica com a percepção aguçada.

Tipos de drogas	*Vantagens* de uso segundo os informantes*
Xarope Romilar	a) A gente fica *doido/* pisa nas *nuvens/* fica *ligadão,* parece que tira os pés da terra/ *altas loucuras.* b) Sente-se muito forte/ fica-se como se fosse muito forte. c) Sente-se mais alegre. d) Fica-se com o apetite dobrado/ dá uma fome incrível.
Mandrix (com bebida alcoólica)	a) É uma sensação mais louca/ você sai de órbita, vê mil loucuras/ a gente vê mil *lances.* b) As cores ficam mais vivas/ as cores ficam mais fortes.
Optalidon (com bebida alcoólica)	a) Fala-se demais/ fica-se superdesinibido. b) Dá uma excitação muito forte/ fica-se sempre excitado. c) Funciona como calmante/ sente-se mais calmo. d) Sente-se no ar/ fica-se leve/ tudo voa. e) Dá muita alegria/ dá um contentamento muito grande.
Mequalon (com bebida alcoólica)	a) Você vê mil coisas diferentes/ cores muito vivas. b) Sensação de euforia/ vontade de dançar/ ver gente. c) Fazia tudo que queria.
Abulemin AP (com bebida alcoólica)	a) Sente-se um arrepio gostoso. b) Vontade de conversar.
Lança-perfume	a) Fica todo mundo rindo/ tira a tristeza da gente, dá vontade de rir/deixa-se muito alegre. b) É uma excitação incrível/ deixa-se em estado de êxtase. c) Dá euforia/ fica-se eufórico demais. d) Corta a timidez/ descontrai/ fica muito leve. e) Dá vontade de *transar* sexo.

* As *vantagens* foram enumeradas no quadro de acordo com o maior número de citações.

O que a princípio podemos questionar é se essas *vantagens* podem expressar a necessidade que os jovens têm de ter o domínio de alguma coisa, nem que seja o domínio do *tempo* em que se está sob o efeito de determinado tóxico. Assim sendo, atribuir uma conotação positiva às drogas surge como ter conhecimento, ter força, ter sensações que os outros não têm. Nota-se que a associação a cores, à parte visual, é a mais freqüente e que tais efeitos subjetivos são pessoais e exclusivos daqueles que usam ou usaram drogas.

Selecionamos algumas entrevistas que demonstram efetivamente como a droga é vista pelo informante nesta linha de valorização. Vejamos o depoimento desta jovem: "Quando eu fui numa festa alguns meses depois — uma festa louquíssima — eu era uma garota. Tinha bolos de *fumo* em cima dos móveis. *Queimei* devagar, foi como se eu tivesse tomado dois uísques; com uma clareza mental incrível, as coisas simplificaram-se; as pessoas que freqüentava já *queimavam fumo*. Depois era como se fosse uma coisa social, ao invés de uísque tinha *bagulho* (maconha). Eu nunca opus resistência à droga, eu tinha uma tendência a aceitar."

Diz ela em seguida: "Alguns meses depois, eu estava nessa casa da festa. Havia ácido, ninguém ainda tinha tomado, tinha também um pessoal de teatro. O ácido vinha num papel, chupei o papel, tinha um líquido azul. O *carinha,* o dono da casa, também tomou, eu tomei a metade e ele a outra metade. Aí mudou a minha vida.

Eu estava sofrendo loucamente, tinha saído de casa — o *cara* era desquitado. Eu quis morrer, tomei pílulas, eu estava morando com esse cara há quatro meses. Quando eu estava no meio da *viagem* esse cara chegou. O ácido dá tanto poder que o perigo dele é esse. Fica-se sem medo, fica-se corajoso, vê-se que seu mundo, a vida, é tão *careta.* Vê-se que a vida não é nada disso.

De repente eu olhei no espelho — não era eu, eu fui me pintar, pintei em cima da testa. Há um total domínio do corpo, não se fica dependente dos outros. Toda a coordenação fica intacta. Conversa-se lucidamente. Vê-se o seu interior. Acho que toda pessoa deveria ter uma experiência (de ácido).

Há na Alemanha uma terapia com ácido. Não há como se enganar com ácido. Dá uma visão, como *As portas da percepção,* de Huxley. Como o ácido suspende ele arrasa. Sempre tomei ácido seriamente, não para me destruir. Só tomei ácido inteiro uma vez. Com ácido inteiro pode-se ficar quatro horas na mesma posição."

O importante nesse depoimento é a dimensão psicológica que a informante sentiu ter, de domínio do próprio corpo, independentemente deste domínio ter sido ou não exercido de fato.

Continua a informante: "Fumo, ácido, cogumelo, eu chamo de drogas de Deus. Faz crescer, você domina a droga. Já fiz umas 30 *viagens* com ácido. Atualmente é terapêutico; eu me pesquiso muito. Eu sou

fascinada pela mente; me clareia a vida. Com ácido fica muito claro. Não há quem te engane."

Diz ela: "Nunca tive uma *bad trip*. Eu já vi pessoas *pirarem* com meio ácido, pois o ácido põe para fora o que você tem para dentro. Eu prefiro tomar ácido sozinha mas também acontecem *viagens* de grupo; eu prefiro eu e mais duas pessoas no máximo. Eu fico muito sensível à vibração do ar, eu prefiro tomar ácido com pessoas íntimas, pessoas queridas, pessoas que eu amo. O ácido dá tranqüilidade, sente-se o amor e o desamor das pessoas. É uma coisa bonita, não é uma coisa feia. Há pessoas que *piram;* uma menina que eu conheço *pirou brabo.*"

Numa outra entrevista, diz um informante, referindo-se à maconha: "É *uma boa* e *transo* até hoje. Tem a vantagem de ser mais barato que os outros *troços*. Entro *numa boa,* fico em paz com o mundo e comigo mesmo. *Amarro-me* no cheiro e sinto-me muito livre e alegre. No teatro (o informante atualmente estuda teatro) rasgaram um texto que eu não havia decorado ainda e fui capaz de fazer uma improvisação tão perfeita que quase foi igual ao texto original."

No que diz respeito à cocaína, disse um informante: "É um *barato*; foi a melhor coisa que já experimentei, mas custa muito caro. Tudo é agitação, você fica numa disposição incrível, não dá fome, dá uma vontade muito grande de andar, conversar, ir a lugares onde tenha bastante gente pra conversar. O bom é você cheirar em grupo, porque a *curtição* é maior; o ruim é que o efeito não dura muito e a gente tem que cheirar toda hora. Dá uma sede danada e se *pintar* uma cervejinha bem gelada é melhor ainda."

Examinando-se as *vantagens* do uso de tóxicos, segundo os informantes, em relação à maconha nota-se que os efeitos subjetivos foram bastante enfatizados (itens *a, b, c* e *d*), ao passo que apenas "apetite dobrado / fome de cão", que é um efeito fisiológico, foi a quinta opção dos informantes.

Mesmo em relação a outras drogas mencionadas, como é possível observar no quadro apresentado, há uma nítida predominância dos efeitos subjetivos. Sabe-se, entretanto, que há muitos estudos que se referem exatamente aos efeitos fisiológicos das drogas.

É interessante salientar que seis dos 40 entrevistados mencionaram ter tomado Artane com bebida e nenhum deles considerou-o como *vantagem*. Pudemos verificar que Artane[12] é uma substância que tem sido usada desde 1949 no tratamento clínico sintomático da doença de Parkinson e que doses elevadas levam à confusão mental, delírio, agitação e alucinações.

Cabe salientar que os aspectos citados expressam a essência do que os entrevistados buscam nos tóxicos. Acreditam os informantes que este é de fato o caminho para a vivência de novas sensações.

[12] Goodman, Louis S. & Gilman, Alfred. op. cit.

Entretanto, como veremos em seguida, apesar dos inúmeros efeitos considerados como positivos, a presença dos efeitos negativos é lembrada principalmente na parte inicial do hábito.

3.1 *Análise das* desvantagens *do uso de drogas*

Foi possível detectar nos depoimentos dos jovens entrevistados uma série de informações que facilmente podem ser identificadas como uma *desvantagem* em se utilizar drogas. Tais efeitos, não previstos, parecem exprimir o desconhecimento que se tem sobre o verdadeiro papel da droga ou, então, apesar desses efeitos negativos a experiência em si supera as desvantagens enumeradas. Entretanto, ressalta-se que esses efeitos negativos foram notados principalmente no início do hábito e depois passaram a ser ignorados pelos jovens. Podemos dizer que tanto os efeitos fisiológicos quanto os efeitos subjetivos coniderados pelos informantes como negativos demonstram a falta de informação dos sintomas específicos das próprias drogas. Como tem sido possível verificar nos depoimentos dos jovens, a transmissão de experiência se realiza no grupo e tal aprendizado, evidentemente, segue um ritual que não visa descobrir o que possa ser negativo, havendo, sim, toda uma expectativa positiva que deve ser correspondida.

Nossos informantes mencionaram as várias *desvantagens,* segundo as drogas que experimentaram (quadro 2).

Quadro 2

Tipos de drogas	Efeitos	*Desvantagens* do uso, segundo os informantes*
Maconha *Cannabis sativa*	Fisiológicos	a) Meus olhos ardiam muito / os olhos ficam irritados / a vista fica um pouco caída e avermelhada.
		b) Fiquei tonto com o cheiro / andava como um bêbado / eu não tinha coordenação motora.
		c) Tive enjôo / tive vômitos.
		d) Tive muita tosse / dor de garganta.
	Subjetivos	a) *Entrei numa* de medo / morria de medo de alguém me ver.
		b) Não conseguia coordenar as idéias.

Tipos de drogas	Efeitos	*Desvantagens* do uso, segundo os informantes*
Cocaína	Fisiológicos	a) O *pó* acaba com o nariz / o nariz arde muito por dentro / o nariz fica escorrendo durante muito tempo.
		b) A fala se torna difícil / tinha a sensação de ter os dentes trincados / parece que a garganta se fecha.
	Subjetivos	a) Ficava deprimido / quando o efeito acaba dá depressão.
		b) Não conseguia dormir / no dia seguinte fico irritado e nervoso.
LSD (Dietilamida do ácido lisérgico)	Fisiológicos	a) *Apaguei* direto / não me lembrava de nada que tinha me acontecido.
		b) Fiquei um pouco tonto / Visão ondulada.
		c) Fiquei um tanto dormente.
	Subjetivos	a) Tive medo / tive medo de enlouquecer.
Cogumelo	Fisiológicos	a) Prejudica a vista / altera o tamanho das pupilas / dá uma confusão na vista.
		b) Tinha a sensação de não estar respirando / a gente fica bocejando muito.
	Subjetivos	a) *Entrei numa* de pânico.
		b) Corre-se o perigo de ficar *pirado*.
Optalidon	Fisiológicos	a) Fica-se com a pressão baixa / Fica-se sempre muito mole / quase desmaiei.
		b) Fica-se com a respiração toda descontrolada.
	Subjetivos	a) Dá dependência / vicia / perde a calma.
	Fisiológicos	a) Fica-se tonto / fica-se igual a um bêbado.
		b) Dá muita dor de cabeça.
		c) Tive vômitos.

Tipos de drogas	Efeitos	*Desvantagens* do uso, segundo os informantes*
Mandrix	Subjetivos	a) Tinha visões de coisas que me apavoravam / via as coisas deformadas / as cores ficavam mais vivas e me assustavam. b) Vicia muito / dá uma sensação horrível. c) Dá medo.
	Fisiológicos	a) Dá uma disenteria muito forte.
Xarope		b) Fica-se com os olhos pesados.
Romilar		c) Fica-se muito tonto.
	Subjetivos	— Não foram mencionados.

* As *desvantagens* foram enumeradas no quadro de acordo com o maior número de citações.

Em relação às *desvantagens* quanto ao uso de tóxicos, achamos conveniente apresentá-las segundo os efeitos fisiológicos e subjetivos, pois fica evidente que houve um predomínio de indicações de efeitos fisiológicos.

De maneira geral, foi possível constatar que a maioria das *vantagens* em se usar drogas estão associadas aos efeitos subjetivos, ao passo que a maioria das *desvantagens* estão vinculadas aos efeitos fisiológicos. Isto parece fortalecer a idéia de que, além da valorização que é dada pelos usuários aos efeitos subjetivos, estes fazem parte das sensações do grupo, do que há em comum, ao passo que os efeitos fisiológicos, pela sua essência, são sensações não-compartilhadas, de caráter individual.

4. Mecanismos de acesso à droga

Antes de abordarmos especificamente o assunto concernente a este item, torna-se indispensável mencionarmos que quando, nas entrevistas realizadas, perguntamos de que maneira os informantes conseguiam tóxicos, obtivemos respostas vagas, cuidadosas. Isto pode expressar o conhecimento desses usuários das implicações que possam ocorrer devido à Lei de Repressão aos Tóxicos,[13] que "Dispõe sobre medidas de pre-

[13] Lei de Repressão aos Tóxicos — Lei n.º 6.368 de 21.10.1976, publicado no *Diário Oficial* de 22.10.1976.

venção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, e dá outras providências". Não cabe neste trabalho comentar tal lei; entretanto, o que podemos afirmar é que qualquer usuário de tóxico está ciente das implicações de uma prisão em flagrante e muitas das atitudes dos jovens visam evitar qualquer dificuldade frente à lei.

Nota-se que a própria linguagem dos jovens (veja glossário) inclui um código que somente aqueles que participam do ritual da droga, do próprio processo de se utilizar droga, são capazes de decifrá-lo de imediato. Tal linguagem pode expressar uma posição defensiva frente à lei e também ser o elo entre o usuário e a droga. Assim sendo, o que chamamos de código das drogas não deve ser visto apenas como um acúmulo de gírias, mas como uma maneira de ser aceito no grupo, como uma forma de identificar outro usuário num ambiente desconhecido, e evidencia, sobretudo, a maneira de como os participantes dos grupos se comunicam e têm acesso às drogas.

Cita-se o depoimento de uma jovem que atualmente tem 20 anos, no que se refere à maneira como se conseguia drogas: "Mandrix eu comprava na farmácia sem qualquer problema. Em Rio das Ostras (a família tinha casa lá, para as férias) entrei em contato com um pessoal de Macaé que também *transava* drogas. Era fácil identificar quem *transava,* pela roupa, pelo jeito; eu usava um cabelo grande, despenteado... Com esse pessoal passei a tomar LSD; era caro mas eu não tinha problema de dinheiro para adquiri-la.

Dos 13 aos 17 anos eu gostava mais era de maconha; se não tivesse ficava desesperada. Quando não tinha buscava no Rio de Janeiro todo, mas os amigos sempre tinham. Aos 14 anos eu já ia na *boca* comprar *fumo* e passei a comandar meu grupo."

É possível observar neste relato, e nos outros que apresentaremos, que nesta parte os jovens entrevistados evitam especificar de que maneira efetivamente encontram drogas.

Há uma grande solidariedade na distribuição. É comum afirmar-se: "Na maioria das vezes eu ganhava dos amigos, mais tarde passei a comprar"; ou mesmo *"rachava* e *comprava"*. Outros iam além: "Sempre *rachava* com os *caras,* depois passei a vender também."

Outro jovem explica um pouco mais: "Meu primo é dono de uma farmácia e eu comprava *bola* com ele e revendia por muito mais caro. Quando a *transa* era coisa mais forte eu comprava em conjunto, diretamente de um traficante meu amigo. Comprava até pra pagar no final do mês com o dinheiro da minha mesada. Acabei ficando tão *duro* que resolvi cortar um pouco. Quando se tem amigos é diferente, você nunca fica sem *transar*. Quando um tem, é de todo mundo."

Uma outra jovem de 19 anos esclarece: "O pessoal, meus amigos, sabe onde comprar. É fácil encontrar (drogas) em lugares *badalados, shows,* festinhas, clubes. Você chega pro pessoal que *transa* e pergunta

se tem pra vender e então compra. O pessoal que *transa* eu conheço pelo olhar, pelo jeito de falar, a maneira de vestir-se. Tem vezes que eu compro em conjunto, fica mais barato e a quantidade é certa. Não posso guardar em casa. Xarope (Romilar) e éter encontra-se em qualquer farmácia."

A busca à droga se manifesta como uma preocupação do grupo, mas a ida ao local específico (à *boca*) geralmente torna-se missão de um elemento apenas. Isto implica em já ter adquirido uma certa experiência, uma certa familiaridade com o tóxico, como identificar a qualidade da droga, conhecer o preço. É claro que a compra, quando se realiza por meio de um amigo que já comprou em grande quantidade, não exige os mesmos procedimentos.

Os preços das drogas variam de acordo com as estratégias dos fornecedores e, evidentemente, estão sujeitos a vários fatores, desde o maior ou menor rigor na repressão policial, até a pureza ou qualidade da droga.

Em relação ao preço dos tóxicos, as informações que obtivemos nesta pesquisa variam no tempo. Em seguida cita-se o relato de uma jovem que descreve uma das maneiras pela qual se adquire e distribui a droga. Eis seu depoimento: "Geralmente era assim: ele (o namorado) tinha, e dava para as pessoas, outras vezes juntava o pessoal para comprar, eu, ele, e mais três amigos. Era caríssimo, ele comprava por Cr$500,00 (em 1974), depois fazia papeizinhos de Cr$100,00 (a grama) e revendia. Quando ele revendia recuperava o dinheiro, pois ele tirava um pouco de cada envelope de Cr$500,0 e colocava menos nos envelopes de Cr$100,00 (isto é, de 1 grama que era para revender).

Uma vez fui com ele comprar, na Rua Riachuelo; eu esperava enquanto ele ia pegar. Uma outra vez fui com ele comprar no morro, eu esperei no carro e o *cara* trouxe. Ele comprava e eu ficava esperando, de vez em quando eu levava o *pó*. Eu levava escondido na roupa."

Cabe ressaltar que adquirir a droga, isto é, levar a droga ao grupo, pode ser uma maneira de se afirmar no próprio grupo. Como relata um jovem: "No grupo se criava uma liderança em termos de trazer a droga. Eu tinha medo, como todo mundo, ao mesmo tempo eu tinha uma certa rebeldia e daí eu *transava* para trazer a droga. O Flamengo (bairro) era um antro, na praia tinha uns *caras* que vendiam. Era muito barato mas mesmo assim um dos problemas era o dinheiro; era um gasto constante. Claro, uns tinham mais condições (mais dinheiro) do que outros.

Era fácil conseguir maconha, mas eu era obrigado a ir comprar, às vezes com pessoas de baixo nível, marginais mesmo. Mas mesmo assim era uma vitória."

Como vimos, o mecanismo de acesso à droga nos permite afirmar que à medida que o jovem passa a ser aquele no grupo que consegue

a droga, ele exerce uma liderança sobre os demais. Daí a dependência desses outros não se limitar apenas à droga mas também ao próprio líder.

Em relação ao preço das drogas, cita-se um depoimento de um jovem de 18 anos, referindo-se à maconha: "Tem a *bagana,* que é um cigarro pequeno, dá pra ficar uns 10 minutos ligado e custa Cr$5,00 cada. O *fininho* é a maconha na seda, é fino e comprido, tá custando Cr$15,00. O *baseado* é do tamanho de um cigarro comum (comercial), está custando Cr$20,00. O *charrão,* cigarro grande e grosso, custa Cr$30.00."[14]

4.1 *Sintomas de privação*

Entendemos como sintomas de privação a própria ausência da droga, o desejo de querer consumí-la e isto não ser possível num determinado momento, por uma série de motivos; então questionamos o que acontece, como o jovem reage quando de repente ele se encontra nesta situação. Vimos que o acesso à droga exige iniciativa do usuário ou pelo menos entrar em contato com alguém no grupo que seja capaz de tomar tal iniciativa. Cria-se assim um vínculo de dependência não apenas ao hábito em si mas também em relação àqueles que efetivamente têm acesso à droga: definem-se e redefinem-se os papéis sociais. Assim sendo, para usufruir de tóxicos é preciso ter contatos, participar do grupo, mas mesmo assim há momentos em que se quer tomar tal droga e não se tem; daí surgem os sintomas de privação.

Tais sintomas se manifestam predominantemente da seguinte maneira:

a) fica-se muito nervoso / não tinha paciência para fazer nada / trato todo mundo mal;

b) fica-se muito agitado;

c) fica-se deprimido / dá tédio / dá solidão;

d) fica-se desesperado.

Alguns jovens reagem à falta de tóxico, esclarecendo: "Quando não tinha maconha ficava desesperada, buscava no Rio de Janeiro todo. Mas os amigos sempre tinham. Há pessoas que só têm amigos porque têm drogas."

Sabe-se que sentir falta de droga tem um vínculo direto com a freqüência ao uso da mesma. Assim sendo, classificamos arbitrariamente nossos informantes entre usuários intensos, moderados e esporádicos. Dos 40 jovens entrevistados, 21 foram incluídos como usuários intensos, 10 como moderados e 9 como esporádicos. Acreditamos, entretanto, que qualquer critério quanto à freqüência do uso de drogas deve ser

[14] Tais preços se referem a abril de 1977.

visto com certa limitação, porque o mesmo jovem pode não manter, em caráter permanente, a regularidade do uso, já que o próprio acesso às drogas independe da sua vontade em conseguir a droga que deseja. Uma jovem deixa transparecer, no seu relato, como funciona o mercado de drogas. Diz ela: "Meu namorado cheirava *pó* (cocaína) há oito anos. A gente cheirava *pó* sempre *curtindo* um som, o pessoal cantava. Algumas vezes o próprio grupo discutia que estavam cheirando muito (cocaína), mas quando meu namorado dizia "vamos *bater* mais uma, todo mundo ia; geralmente isto era à noite, praticamente a noite inteira. Nesta época em que eu *transava pó* quase não tinha *fumo* (maconha) à venda, só *pintava* de vez em quando".

Nota-se (pela última frase do relato) que a oferta de tóxicos caracteriza-se por ser irregular. Nesta época, segundo a jovem, maconha "só *pintava* de vez em quando".

Entendemos como usuário intenso de tóxicos aquele jovem que em seu relato mencionou que a utilizava todos os dias, que vivia em função de tal droga. Usuário moderado foi entendido como aquele que mencionou que o consumo era feito regularmente, isto é, duas a três vezes por semana. Usuário esporádico seria aquele que consumisse tal droga nos fins-de-semana, isto é, uma ou duas vezes por semana ou ainda de maneira mais esparsa.

Conseqüentemente, pudemos constatar que os usuários intensos foram os que menos mencionaram aspectos ligados aos sintomas de privação. Um jovem esclarece: "Ficar sem *bagulho* aconteceu comigo, no máximo, duas ou três vezes. Saí para procurar e não tinha. Quando se passa a *transar* mais drogra anda-se com pessoas mais informadas e isto não acontece. Há três maneiras de se conseguir tóxicos: *bocas* de morro, pessoas que vendem na rua e pessoas que vendem em termos de amizade. Nem todos os lugares têm de tudo. Ácido jamais se consegue no morro. Ácido é uma coisa mais vinculada a um grupo de pessoas. Gente que traz da Inglaterra; é uma droga de maior nível cultural. Eu já fui no morro (no início do hábito) e não encontrei. Claro, para chegar no morro, para descobrir, tem que se conhecer certos *macetes*."

O relato anterior deixa de esclarecer que não basta estar informado para se conseguir tóxico, é preciso estar permanentemente informado para não se sofrer sintomas de privação. As *bocas* são móveis, para evitar problemas com a polícia, e os contatos precisam ser mantidos. Eis o relato de um jovem considerado como usuário intenso: "A falta de tóxico dá uma agitação medonha no teu corpo todo, principalmente na boca e as mãos ficam trêmulas dependendo do que você tem mais necessidade de *transar*. Cheguei a ficar, na época do vício, quase um mês sem mexer com nada. Virei bicho, briguei com todo mundo, me cortaram a mesada, perdi o contato com os caras que compravam (tóxico) pra mim porque não tinha dinheiro.

Passei um ano e meio viciado, a droga pra mim era tudo, deixei até de me preocupar com os estudos e com namorada. Mulher pra mim era só pra descarregar tensões e às vezes nem isso eu conseguia."

Alguns jovens preferiram apenas indicar o que pode resultar do fato de se encontrarem em algum momento sem tóxicos. Estes disseram:

a) "da *fissura* na boca quando eu deixo o *fumo* (maconha) e eu fico nervoso nos primeiros dias, depois passa";

b) "fico agressivo com todo mundo e chego a brigar feio sem motivo algum";

c) "fico agitado, nervoso, principalmente com o pessoal daqui de casa";

d) "fico no início com um pouco de depressão mas muito de leve e passa logo."

As citações apresentadas, como é possível verificar, expressam o grau de envolvimento do jovem com a droga e nesses momentos de privação a agressividade e a depressão parecem predominar no comportamento desses jovens. Assim sendo, é difícil compreender como determinados jovens entrevistados, considerados como usuários intensos, deixam de usar tóxicos.

No entanto, verificamos que isto acontece de fato, há jovens que depois de vários anos de uso intenso de drogas decidem parar e conseguem. Veremos, em seguida, como se procede a este abandono do uso de drogas.

5. O processo de abandono do uso da droga

Constatou-se que dos 40 jovens entrevistados 12 deixaram totalmente o vício e 28 continuam o hábito, quer de uma maneira intensa (16 jovens), quer de uma forma esporádica (12 jovens).

Verificamos também que desses 12 jovens que abandonaram o vício, nove haviam sido classificados como usuários intensos, um como usuário moderado e dois como usuários esporádicos.

Inicialmente, faremos uma tentativa de analisar os motivos que levaram esses jovens considerados como usuários intensos a deixarem o vício.

Vejamos o relato de uma jovem que atualmente tem 20 anos, e que utilizou drogas durante seis anos, tais como: maconha, cocaína, LSD, Xarope Romilar, Mandrix e Desbutal. Disse ela: "Minha mãe soube e contou para meu pai. Ele imediatamente *cortou* meus amigos e falou que ia chamar a polícia. Eu discuti com ele, falei que ele também bebia muito. Meu grupo se afastou com receio das ameaças do meu pai. Nesta mesma época em que minha família tomou conhecimento de que eu tomava drogas, recebi uma carta do meu irmão mais velho

que estava na Europa, dizendo que drogas faziam mal. Eu chorei muito ao ler a carta. Era uma carta muito afetiva.

Aconteceu também que à medida que meu grupo se afastou não tinha mais sentido *transar* (usar droga). As pessoas me usavam muito. Acho que a atitude do meu pai influiu muito para que eu deixasse de usar drogas e me afastasse de pessoas nocivas.

Nesta época eu também comecei a fazer reflexologia, por inluência de um namorado, mas logo depois eu terminei o namoro e interrompi as sessões. Após esses problemas, meu pai se separou de minha mãe e eu tinha menos dinheiro para gastar. Atualmente eu não tenho mais *papo* com pessoas que *transam* drogas, pois são vazias."

Observa-se na descrição da jovem que, além da influência familiar, que se manifestou principalmente através da atitude do pai, inclusive ameaçando o grupo, surgiu um fator novo, indispensável com o consumo de drogas: a falta de dinheiro. Além disso, nota-se que a atitude desta jovem após afastar-se do grupo é de rejeição, ela passa a negar o grau de vinculação que manteve durante tanto tempo com o referido grupo.

Vejamos outro relato de um jovem que atualmente tem 20 anos, tendo utilizado tóxicos durante quatro anos, tais como: maconha, Mandrix, Artane, Xarope Romilar. Disse ele: "Meu melhor amigo era contra *essa* minha e fazia muita pressão. Vivia me chamando de fraco e dizendo que eu não conseguia ficar quatro horas sem estar *doidão.* Acabei achando que ele estava certo. Minha mãe já estava desconfiando e minha namorada afastou-se de mim por ordem do pai. Uma vez passei mal na casa dela e seu pai me socorreu. Desde esse dia, eu desisti. Meu grupo não se desfez por isso, tanto que até hoje somos amigos.

O uso de drogas também estava me baixando a potência e eu tinha medo constante por causa disso."

Acredita-se que a influência deste amigo *de fora,* que não fazia parte do grupo, deve ter sido marcante, mas estamos propensos a achar que o principal motivo do abandono do uso do tóxico tenha sido o efeito subjetivo ("... estava me baixando a potência...").

É interessante mencionar em relação a este aspecto (impotência) a observação feita por José Elias Murad,[15] referindo-se à ação das drogas: "É evidente, portanto, que esses trabalhos (de Robert Kolodny, da Reproductive Biology Research Foundation, de St. Louis e da Universidade da Califórnia em Los Angeles) permitiram a suposição de que os usuários crônicos e pesados de maconha estão sujeitos à impotência e infertilidade, além de se tornarem mais sensíveis às doenças

[15] Murad, José Elias. In: Lima, Délcio Monteiro de. *Comportamento sexual do brasileiro.* 2. ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1977. p. 217.

infecciosas, pela queda do seu nível de resistência orgânica (diminuição da imunidade do organismo)."

Outra jovem, atualmente com 19 anos, tendo utilizado tóxicos durante cinco anos, tais como maconha, LSD, cocaína, haxixe, cogumelo, Mandrix, Pervitin e outros, explica como deixou de usar tóxicos: "Vou te contar uma coisa que me marcou muito, eu estava *fissurada* pra fumar maconha, então eu subi sozinha o morro pra comprar. Lá eu fui *currada* por cinco homens. Os *caras* estavam armados e eu não tive opção. Isso marcou muito, depois fiquei com problemas de frigidez e foi uma fase muito difícil pra mim.

Depois disso uma amiga mais velha me indicou a Igreja Messiânica e lá foi que decidi parar (de usar tóxicos). Mas já fiz muita loucura: no dia em que eu ia receber o Ohikari[16] tomei 10 Mandrix. Depois *entrei numa* de que estava errada e parei mesmo. Lá, na igreja, tive um *lance* espiritual, disseram que eu estava com um *encosto* de uma pessoa falecida e isso me inclinava a procurar drogas."

O processo de abandono do uso de tóxicos resulta de uma tomada de decisão, geralmente após experiências negativas de grande impacto emocional, como vimos no caso desta jovem que foi violentada quando buscava maconha no morro.

Nota-se que tal decisão em abandonar o uso de droga implica mudanças imediatas na vida do usuário. Pelas entrevistas verificou-se que abandonar a droga implica o afastamento dos antigos amigos e conseqüentemente a busca de novas amizades que não tenham ligação com tóxicos. Além disto, observou-se a tentativa de encontrar outras ocupações. Assim, tal ruptura não é fácil, exige do usuário uma forte decisão e ao mesmo tempo está sempre presente a possibilidade da volta ao antigo grupo.

Vejamos outro depoimento de um jovem que tem atualmente 21 anos e usou tóxicos durante sete anos, principalmente maconha, LSD, cocaína, haxixe, heroína, Pervitin e Desbutal. Disse ele: "Fui me libertando (das drogas) à medida que eu deixava as pessoas; se eu continuasse com as mesmas pessoas eu ia sempre *transar* e roubar. Aconteceu que eu comecei a namorar uma menina e a gostar dela. Ela pedia que eu não *transasse* droga. Aos poucos fui vendo que eu precisava me sacrificar. Ela foi a minha primeira *transação* sexual permanente. A família dela pensava que eu era uma pessoa *jóia*. Minhas irmãs influíram também. Pediam muito para que eu deixasse as drogas. Meu pai não influiu, nunca tive liberdade de conversar com ele, não chegava a mim, só falava agressivamente. Meu pai só coagia, minhas

[16] Ohikari: "Objeto sagrado, de uso pessoal e exclusivo, que todo membro da Igreja Messiânica Mundial traz pendurado sobre o peito. Este objeto lhe é conferido na cerimônia de sua admissão como membro da referida Igreja. Significa o sagrado ponto focal de onde se irradia a Luz Divina." Esclarecimento prestado por um membro da Igreja Messiânica Mundial, sede regional do Rio de Janeiro.

irmãs (são mais velhas) mostravam mais a realidade das coisas, mas meu relacionamento com essa menina (a namorada) foi o suficiente para acabar com tudo (drogas)."

No registro deste jovem, usuário intenso, alguns aspectos mencionados refletem a dualidade em que se encontram determinados jovens. Por um lado há todo um envolvimento frente à droga, exigindo atitudes de acordo com o próprio processo de se utilizar tóxicos, isto é, uma maneira de viver que não segue totalmente as normas estabelecidas pela sociedade.

Entretanto, ao afastar-se dessas normas por meio dos tóxicos, o jovem enfrenta a reação da família, que geralmente desconhece o vício, mas percebe alterações de comportamento, e atua no sentido de exercer maior controle sobre o jovem. Este, por sua vez, aproxima-se mais ainda do grupo, buscando por intermédio da droga não apenas novas experiências, mas também afastar-se do conflito latente com ele mesmo, com a família, e além disto do próprio mundo, que lhe parece hostil.

Desta maneira, quando o usuário decide abandonar o vício, a necessidade de um apoio muitas vezes surge por meio de uma relação afetiva, até então desconhecida, como vimos no relato anterior.

Outra jovem menciona a necessidade de apoio que também se manifesta por intermédio de amigos. Esta jovem tem agora 20 anos, tendo utilizado tóxicos durante três anos, tais como: maconha, Mandrix, Optalidon, Mequalon e Valium. Disse ela: "No princípio é um pouco difícil, tem que ter muita força de vontade. No meu caso não foi tanto, porque eu tinha o apoio de pessoas amigas, que preencheram o meu tempo e me ajudaram bastante, me aturando. Fiquei agressiva, não tinha paciência para fazer nada.

Acabei repetindo um período na faculdade, justamente quando quis parar de *transar*. Conheci um *monte* de gente diferente, com outros programas e fui deixando de dar importância às drogas.

Resolvi parar por minha vontade e por insistência de amigos. Minha mãe ficou doente, achando que a culpa era dela, meu pai quis que eu fizesse um tratamento, mas achei que se tivesse de parar, seria por mim mesma. Olha, faz falta, mas não faz muita."

O processo de abandono do uso de tóxicos do usuário moderado e esporádico é semelhante ao do intenso, isto é, exigindo uma firme decisão e buscando novas atividades. Entretanto, desde que seu envolvimento com drogas é menor, este processo de abandono tende a ser menos sofrido. Vejamos o depoimento desta jovem, atualmente com 19 anos, tendo sido considerado como usuário moderado: "No começo é duro, os amigos insistem, você tem vontade, e dependendo do seu estado de espírito você acaba aceitando mesmo. Dá *fissura* na boca quando se deixa o *fumo* e você fica *nervosão* nos primeiros dias, depois passa.

Acontece também que comecei a precisar de dinheiro para outras coisas e vi que estava *duro*. Parando, eu fazia uma boa economia. Depois *entrei em outra,* estou fazendo teatro e aprendendo uma porção de coisas. Hoje em dia, mais controlado, estou estudando para o vestibular e pretendo passar; vou tentar o curso de História e vou passar.

Além disto (a droga) estava me dando mil *grilos* na cabeça, aí resolvi parar. Minhas irmãs estavam percebendo e eu não podia perder a moral."

Cita-se o efeito causado quando se deixa de usar anfetamina (nesta categoria foram incluídos pelos jovens Pervitin e Stenamina): "No entanto, a dependência criada pela anfetamina é bem mais suave do que a causada por outras drogas, e se o seu uso for interrompido, não ocorre a síndrome observada com a suspensão de drogas derivadas da morfina. Mesmo assim, o ex-viciado pode sentir tremores, depressão, fraqueza e desordens gastrointestinais."[17]

Neste mesmo artigo,[18] referindo-se à cocaína, tem-se: "A suspensão do uso da cocaína pode ser uma experiência séria e produzir enorme fadiga, depressão, paranóia e até mesmo estados psicóticos. Há náuseas e alucinações, quando o estado de intoxicação por essa droga é agudo. O cocainômano sente insetos andarem sobre seu corpo. Uma parada respiratória ou colapso cardíaco (se a cocaína for injetada na corrente sangüínea) podem ocasionar a morte.

O viciado em cocaína apresenta olhos fundos, pupilas dilatadas, tremor labial e das extremidades dos membros, além de tiques nervosos."

Outro jovem, considerado como usuário esporádico, tendo 21 anos, e utilizando maconha por dois anos, apresenta o motivo para interromper o hábito: "Tive medo de fracassar na vida me tornando um viciado; fui amadurecendo mentalmente e aceitando mais a minha vida em família. Via e vejo meu irmão afundar-se mais no hábito da maconha e ficar incapaz de manter uma conversa com alguém. Todos percebem e não quero que o mesmo aconteça comigo."

Vimos que desses 40 jovens entrevistados, 12 deixaram totalmente o vício. Em seguida apresentaremos os motivos de os demais 28 jovens manterem o uso de tóxicos.

6. A droga como opção

Temos visto nesta pesquisa que a maioria dos jovens entrevistados atribui aspectos subjetivos que valorizam a droga. Assim, o ambiente no grupo estimula o riso, a euforia, a disposição para dançar, para

[17] O equilíbrio rompido. *Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro, 10 jun. 1973.
[18] Id. ibid.

fazer sexo, para falar. Verificou-se que há uma admiração em relação ao próprio ritual para se utilizar tóxicos. Notou-se também que, através da droga, determinados jovens acreditam estimular suas potencialidades, tais como: "pensa-se melhor, abre as idéias, fica-se com a percepção aguçada, sente-se mais forte."

Assim, o efeito da droga é visto como algo que satisfaz, que de alguma forma contribui para esta excitação que se deseja encontrar. Daí ser comum falar que "é bom demais, quanto mais se cheira, mais se quer", referindo-se à cocaína, ou mesmo, "o bom é cheirar em grupo, porque a *curtição* é maior".

No que se refere à maconha, o entusiasmo parece aumentar, sendo comum afirmar: "Com *fumo* há sempre muita alegria, vontade de rir, de dançar, de andar, de ter gente pra conversar, de transar loucuras"; ou mesmo: "Maconha faz parte de mim, dá uma tremenda paz de espírito."

Ao indagarmos especificamente quais os motivos que fazem com que os jovens continuem a usar drogas, tivemos acesso a determinados dados que fortalecem esta visão de que o uso de drogas é algo extremamente envolvente, que se caracteriza não apenas pelo vício em si, mas principalmente pela situação social que abrange a própria dinâmica do grupo.

Assim sendo, verificou-se que 28 desses 40 jovens entrevistados não pretendem, de imediato, se desligar deste ambiente que lhes parece tão significativo em termos de experiências. Entende-se também, como mencionamos anteriormente, que o vício não é algo isolado, ele existe em função do grupo. Cita-se o depoimento de um jovem, atualmente com 19 anos, utilizando tóxicos há dois anos, tendo sido considerado um usuário intenso (maconha, cocaína, Mequalon e Xarope Romilar), diz ele: "Acho que o tóxico faz parte de nossa juventude. Não se pode mudar, entende, hoje todo mundo *transa*. O importante é *curtir* o momento; se essa é a maneira que se escolhe, tudo bem; só não vale é assumir uma posição de infeliz depois. Acho que o pessoal que *transa* está buscando alguma coisa que falta, alguma coisa que complete. Não acho que seja fuga, estamos atrás do que evite a falsidade, acho que é isso."

O pensamento deste jovem engloba vários dos motivos apresentados para se manter o vício, tais como: "faz parte da nossa juventude, todo mundo *transa,* o importante é *curtir* o momento e busca-se alguma coisa que complete."

Além dessses motivos mencionados cita-se freqüentemente como justificativa para manter o hábito: "Acho válido, as pessoas têm de experimentar de tudo. Eu *transo essa* e não me arrependo." Ou ainda: "Acho que cada um está *na sua* e eu não sou ninguém pra falar nada. Eles estão *na deles* e eu *na minha.*"

Outro jovem, atualmente com 23 anos, usando tóxicos desde os 16, tendo sido considerado um usuário intenso (maconha, cocaína, LSD, Artane, Xarope Romilar e Abulemim AP), esclarece como diminui o uso de tóxicos. Diz ele: "Agora só *transo* maconha, ácido foi abolido para mim, seria uma repetição, é muito forte. Maconha sempre se renova, ácido tem que *curtir, curtir* mesmo. Ah, sabe o que é, o efeito do ácido é mais a constatação de uma filosofia. Com a maconha descobri uma outra maneira de raciocinar, abre a mente. *Bola* também aboli, no dia seguinte dá muita depressão. Cocaína só esporadicamente.

Eu me descobri por meio do tóxico, mas há pessoas fracas que se deixam levar e *transam* em excesso. Minha família nunca interferiu, não sabem, minha irmã (estuda medicina) talvez saiba. Acho estranho que minha família não saiba. Uma vez meu pai chegou e eu estava fumando (maconha). Eu estava na janela e joguei o *bagulho* fora. Eu nunca conversei abertamente com minha família sobre tóxicos."

Mais um jovem, de 18 anos, usando tóxicos desde os 15, tendo sido considerado como usuário intenso (maconha, cocaína, LSD, cogumelo, éter, Mequalon e Mandrix), afirma que está diminuindo o uso de tóxicos. Diz ele: "Diminuí as *viagens,* não só porque estava ficando caro demais como também não acho uma muito *legal.* Acho que o fato de eu ter mudado de residência influenciou bastante. Conheci gente nova, fiz coisas diferentes, como teatro, e passei a pensar menos em drogas. Hoje *transo fumo* (maconha) de vez em quando.

Há poucas horas mesmo, queimei um *baseado* e estou bem. Tive vontade e uma amiga que estava aqui em casa *transou* fumo também. Maconha tem a vantagem de ser mais barato que os outros *troços.* Entro *numa boa,* fico em paz com o mundo e comigo mesmo. Me amarro no cheiro e me sinto mais livre e alegre."

Nesta pesquisa pudemos constatar que um dos motivos que contribuiu para que determinados jovens abandonassem o vício foi a falta de dinheiro e verificou-se também que este mesmo motivo é freqüentemente mencionado para diminuir o consumo de tóxicos. Isto não significa que o usuário, necessariamente, tenha menos dinheiro, mas sabe-se que a droga é cara e que à medida que o jovem se envolve com tóxicos a necessidade de dinheiro aumenta. Entende-se que a solidariedade no grupo não exclui a "responsabilidade" de cada um em manter o seu próprio vício. Assim, é preciso contribuir efetivamente (financeiramente) para permanecer no grupo.

Desta maneira é comum afirmar quando o jovem passa a usar menos tóxico: "Diminuí porque tive vontade, eu estava gastando todo o meu dinheiro e não estava *dando pé.*"

Em suma, há jovens que nem pensam em deixar o vício; dizem que se sentem bem assim. Além disto, acreditam que, por meio dos tóxicos, estão passando por um processo de se conhecer melhor, acumulando experiências e através do tempo se descobrindo.

Por outro lado, há também aqueles que optam pela droga mas estão conscientes que isto representa um problema. Cita-se o relato de uma jovem, de 20 anos, usando tóxicos há quatro anos, principalmente maconha, lança-perfume e Valium. Diz ela: "Meus pais morreram num desastre e eu fui criada por esses meus tios que são uns ignorantes. Por isto é que eu *transo* essas coisas; é para agredir mesmo. Maconha, *transo* sempre, a gente *curte* mais a vida, não *esquenta* a cabeça com nada e não fica bitolada."

No item seguinte, tentar-se-á analisar como esses jovens entrevistados vêem o uso de drogas por outros, mais especificamente pessoas mais jovens do que eles, ou seja, aqueles que estão se iniciando. Fizemos uma tentativa de conhecer como o jovem reagiria, ao sair de sua experiência e se situar em outro contexto fora do seu grupo de referência. Assim, busca-se conhecer alguns aspectos da concepção desses usuários de tóxicos com relação àqueles que pretendem iniciar o mesmo processo de utilização de drogas.

7. A droga para os outros — um confronto de experiência

O confronto de experiências se dá em dois níveis distintos: primeiramente, há aqueles que acreditam que a convivência com tóxicos é válida não só para si como para a geração posterior à sua e, por outro lado, há a maioria dos entrevistados que, através dessa mesma experiência, desaconselham o seu uso.

Cita-se, inicialmente, como se manifestaram alguns desses jovens que apresentaram uma visão favorável ao uso de drogas. Um jovem de 21 anos afirma: "Acho válido *transar* com 15 anos, dá toques imensos na tua cabeça. Eu já fumei (maconha) com meu irmão mais novo, ele está vivendo tudo isso, ele tem de fazer a *cabeça* dele."

É significativo mencionar que em uma pesquisa que realizamos em 1973,[19] com estudantes universitários, verificamos que 25% dos entrevistados demonstraram em suas respostas uma aceitação ou apresentaram uma justificativa favorável ao uso de drogas. Por outro lado, 60% tomaram uma posição contrária à utilização de drogas, e 15% dos universitários preferiram não tecer qualquer comentário em relação a este assunto.

Retornando ao assunto em questão, citamos outro jovem de 19 anos. Diz ele: "Acho que temos que ter muita coragem, não só pra enfrentar a repressão social como a família também. Esse pessoal de hoje, é gente com problemas iguais a mim e a você. Uns gastam dinheiro com analistas ou tomam um *porre,* outros resolvem por menos, fumam uma *bagana,* entende."

[19] Oliveira, Nei Roberto da Silva. A juventude como *status* permanente. *América Latina,* Rio de Janeiro, CLAPCS, *16,* p. 86-122, 1975.

O confronto de experiências também é visto apenas como um processo de repetição sem qualquer alteração, como diz outro jovem de 20 anos. "O pessoal que está começando, *transa* por *transar*. Eu não acho nada de mais. Eu comecei assim também e por isso não posso falar nada. Eles *estão na deles,* até que um dia vão parar e pensar se vale realmente a pena. Pra mim valeu como experiência."

Com base nos dados coletados verificou-se que a grande maioria dos entrevistados não aceitam a maneira como a geração posterior à deles está usando tóxicos. As restrições são muitas, como veremos nos relatos que se seguem.

Um jovem de 20 anos, que atualmente só fuma maconha, diz: "Não é *uma* muito *legal* ficar experimentando de tudo, o perigo está aí; quando você começa, *pintam* mil situações que você tem de enfrentar. Esse pessoal que está começando agora parte pra *uma* de experimentar tudo sem saber os perigos que está correndo. Eu li muita coisa sobre drogas, não entrei *nessa* de ir só pelo que os outros falam."

Este mesmo jovem, referindo-se à maconha, diz: "É a única coisa que nunca me deu grandes *grilos*. Sempre entro numa *boa* e fico alegre demais. Dá um contentamento, uma vontade de aproveitar todos os *lances,* sabe, de *curtir* tudo como se só tivesse aquela oportunidade. Gosto de ter gente por perto, pra poder fazer bastante agitação. O meu grupo diz que perto de mim ninguém fica triste quando estou *transado* (sob o efeito de maconha). Acho que fiquei com a cuca mais aberta, tive mais oportunidade de fazer tudo que tinha vontade. Hoje já fumei um, quase todo dia *transo fumo,* tanto na faculdade como com o meu pessoal da rua onde moro."

Nota-se no relato desse informante que há uma nítida coerência entre as restrições que são feitas para si e para os outros. Aceita-se a droga, contanto que não se experimente tudo. O fato deste informante mencionar que leu muita coisa sobre tóxicos é uma exceção entre os jovens entrevistados.

Outro jovem de 21 anos, que utiliza maconha, Optalidon e cogumelo, explica como vê o uso de drogas por aqueles que estão se iniciando: "Tenho uma certa pena porque a maioria deles acaba procurando coisas mais fortes, na base da aventura. Não *entrei nessa* porque tenho medo de ácido, cocaína, essas coisas mais fortes. Parei onde estou e não tenho a mínima vontade de *transar* outras coisas."

Este mesmo jovem, referindo-se ao uso de Optalidon, diz: "Gosto muito de Optalidon e é o que *transo* mais porque, além de ser mais barato, me dá tudo o que eu preciso em termos de sensação. Dá muita ligação, é um excitante forte, eu amasso seis comprimidos e coloco numa latinha de cerveja. Assim sinto todas as batidas de meu coração, pulsações em todas as partes centrais do corpo e isso custo a passar. Com Optalidon fico num contentamento muito grande, sinto-me forte, como se tivesse o meu corpo aumentado de tamanho."

O que se parece pretender, na visão deste jovem, é aceitar o uso de drogas desde que esteja dentro dos limites da sua própria experiência. Assim sendo, aceita-se Optalidon (amassado com cerveja), maconha e cogumelo, mas as outras drogas já passam a ser consideradas como *"muito fortes"*, e esses outros jovens que estão se iniciando passam a ser vistos como em busca de aventura.

Desta maneira observa-se que determinados jovens estabelecem um atributo diferencial (neste caso, não aceitar o uso de drogas que não sejam as que se utiliza), que pode caracterizar-se como estigma, semelhante ao que se tem pelos usuários de tóxicos de maneira geral.

Deve-se ressaltar que este item busca, por ora, contribuir apenas para a caracterização de alguns aspectos de como se processa o confronto de experiências entre os usuários de tóxicos e a sua visão em relação àqueles que estão se iniciando.

Pudemos constatar que há efetivamente uma visão normativa quando se questiona o uso de drogas pelos outros. É comum afirmar: "Eu sou contra o excesso; quem *transa* de leve, tudo bem, não tenho nada contra. Só que esse pessoal que está começando quer experimentar de tudo e a maioria acaba *se dando mal*. Querem logo passar pra coisas mais fortes e se destróem em vez de *curtir*."

Alguns jovens também deixam transparecer em seus relatos, referindo-se aos iniciantes, alguns indicadores de alienação. É o caso de um jovem de 23 anos, que diz: "Não consigo entender a geração depois da minha, são umas pessoas desinteressadas de tudo. Sabe, acho que a maioria não tem condições nem estrutura pra *transar* nada. Eles *entram numa* de ficar *doidão*, fugir das coisas, e não é nada disso, o *fumo* te liga mais às coisas."

Entende-se que, segundo este jovem de 23 anos, a geração posterior à sua está cada vez se isolando mais de importantes aspectos da existência social.

Outra jovem de 22 anos também atribui essa apatia à geração mais nova. Diz ela: "O pessoal mais jovem toma droga porque não tem o que fazer. Porque estão tomando nos Estados Unidos e na Europa. A função é tomar droga. A droga de farmácia é que está matando a juventude brasileira. É possível com Cr$ 5,00 se embriagar. O jovenzinho de 14 e 15 anos toma Optalidon e Mandrix. Há jovenzinhos que tomam até 60 comprimidos de Optalidon com bebida."

Por outro lado, há aqueles que reagem à pergunta, como um jovem de 18 anos: "Pra falar a verdade, fiquei *injuriado* com a pergunta. *Pô*, eu estou nesse meio de jovens que *transam*. O meu pessoal tem quase que a mesma idade e eu acho que ninguém tem o direito de *entrar numa* de julgar ninguém. Agora, tudo bem, eu acho que *estou na minha* como todo mundo. Sabe, cada um trata de si mesmo. Não gosto que as pessoas interfiram na minha vida e acho que todo mundo pensa assim. Não tenho nada contra (o uso de drogas)."

O relato que se segue parece-nos bastante expressivo na medida em que o jovem em questão afirma que gostaria de interromper o uso de tóxicos e não consegue e também menciona seu pessimismo frente às drogas. Diz ele: "Meu relacionamento em casa é ótimo, tenho total liberdade para fazer o que quero, apenas meus pais insistem para que eu volte a estudar. Então fiz uma tentativa de parar o vício (o informante utiliza freqüentemente maconha, cocaína, LSD, Mandrix e Optalidon), fui morar dois meses com os Meninos de Deus, mas não deu certo. Acho que o pessoal que está começando agora está se acabando; deixa de viver a realidade e se mata. Eu *entrei nessa* sabendo o que significava e não por ser moda. Se um parente meu iniciasse agora, daria a ele as (drogas) mais fortes, para que ele ficasse tão ruim que desistisse."

Bastante comum é a restrição que se faz ao uso de tóxicos por parte de parentes. Como diz também esse jovem de 21 anos (usuário de maconha, cocaína, Xarope Romilar e cogumelo); "Nunca dei nada (tóxicos) pra quem não *transa.* Não gosto de ver esses *caras* de 15 anos mais ou menos *mexendo* com essas coisas; a maioria nem tem condições para isso, quer dizer, *grana. Pô,* já gastei uma *nota. Entrei nessa* porque achei que devia, mas, sinceramente, se eu pegar um dos meus priminhos *nessa* de *queimar fumo,* eu dou *porrada* neles.

Se descobrirem (a família) que eu estou *nessa,* acho que vou tentar fazer um tratamento; tenho um tio que é médico psicanalista e tenho certeza que ele iria me ajudar; por enquanto ninguém sabe, eu estou *curtindo."*

Um outro jovem de 24 anos visualiza o uso de drogas como uma maneira de se contestar a sociedade. Diz ele: "Eu acho que a utilização de drogas não é tão intensa pelo pessoal mais jovem. Nós, da minha geração, conseguimos abrir um pouco o nosso tipo de sociedade. Se houvesse mais liberdade não teria tanto problema. Mesmo agora, os filhos são tratados sem abertura. Talvez isto obrigue a geração mais jovem a uma nova volta aos tóxicos, mas não acho positivo usar tóxicos. Se bem que bebida faz tanto mal quanto o tóxico, mas é aceita. Tudo isso é a sensação pelo proibido. Mesmo agora os artistas que são presos, não são de uma nova fase, estão há mais tempo."

É possível verificar, por alguns relatos apresentados, que há várias restrições à maneira como a geração mais nova (os iniciantes) utiliza tóxicos. Esta é vista como buscando apenas aventura, experimenta de tudo, toma droga por efeito de imitação e em excesso.

Supomos que o que está acontecendo de fato é que os iniciantes em tóxicos não estão ligados ao processo de ritualização que legitima o grupo. Há uma perda das características grupais e acreditamos que a ritualização da droga não dá apenas a forma ao grupo mas é a própria sustentação dos elementos do grupo.

Desta maneira, os iniciantes tendem a utilizar tóxicos de maneira mais individualista, preferindo drogas de farmácia, tipo Optalidon, Mandrix, misturando-as com bebida alcoólica, sem necessitar de apoio do grupo. Assim sendo, o vício em si adquire uma conotação semelhante ao alcoolismo, que independe da ritualização que caracteriza o uso de tóxicos no grupo. Conseqüentemente, torna-se possível compreender a visão dos jovens entrevistados, que percebem que há uma diferença entre aqueles que se iniciam em relação ao seu próprio início quanto ao uso de tóxicos. Daí estes iniciantes serem considerados como pessoas que "não se interessam por nada" e, em vista disto, determinados informantes enfatizam que não permitiriam que "irmãos", "primos" mais novos de 14 e 15 anos usassem tóxicos, pois o processo é outro, podendo levar o iniciante de agora a um envolvimento com tóxicos que poderá ultrapassar o vício adquirido por aqueles jovens que tiveram seu início por meio do ritual do grupo.

Seguindo este raciocínio, o uso da droga na nova geração[20] expressa características próprias, que indicam já alguma diversificação do comportamento do praticante. O uso de droga não é praticado somente em grupo, mas já se observa, também, seu uso isolado. O aumento do consumo de drogas de famácia parece estar associado a esta prática individual, solitária.

8. Glossário

Abelhinha — zumbido no ouvido provocado pelo uso de lança-perfume.
Ácido lisérgico (LSD) — dietilamida do ácido lisérgico. Os efeitos psicológicos insólitos do LSD foram descobertos em 1943, por Hofmann.
Acesão — Eufórico, excitado sob o efeito de uma substância tóxica.
Altas visões — quando sob efeito tóxico o usuário vê além do real, do que é perceptível. Está implícita uma conotação positiva frente à droga.
Anfetamina — reativante químico, também conhecido por estimulante ou *bolinha.* (No Brasil os produtos mais consumidos dessa categoria são: Stenamina, Pervitin, Dexedrina e Dexamil). A dose normal é de 7,5 a 30 mg diariamente, embora alguns consumidores usuais tomem doses enormes — até mesmo mil mg por dia. A duração do efeito é de cerca de quatro horas.
Ânimo — apelido da lança-perfume; é empregado entre os usuários, por provocar excitação momentânea.
Apagar — quando após o efeito o usuário é levado ao sono.
Avião — pessoa que faz a entrega de drogas, sendo o intermediário entre o traficante e o consumidor.

[20] Jovens na faixa etária dos 13 aos 17 anos.

Bad trip — quando a experiência com drogas pode ser perigosa, ruim ou depressiva.
Bagana — cigarro de maconha em tamanho pequeno.
Bagulho — referência a qualquer tipo de droga, em especial à maconha.
Bandeira — indícios comprometedores para o usuário de drogas.
Baratinado — é a condição do indivíduo que está sob efeito de drogas. Há uma conotação negativa.
Barato — efeito produzido pela droga.
Barril — comprimido marrom, um dos tipos diferentes de LSD.
Baseado — cigarro de maconha em tamanho comum.
Beata — cigarro pequeno de maconha.
Biritado — quando se está sob efeito de álcool: condição ideal dos usuários para consumir drogas.
Boca — local onde se compram drogas.
Bola, bolinha — comprimidos entorpecentes. Os mais conhecidos são: Mandrix, Mequalon, Moderex, Optalidon e Artane.
Bonequinha — comprimido de LSD na forma de bala.
Brisola — cigarro grande de maconha.
Cabeça-feita — estar sob o efeito de um determinado tipo de tóxico. Há geralmente uma conotação positiva.
Cachimbo — cigarro de maconha que passa de mão em mão, ou ainda, utilizar o próprio cachimbo para fumar maconha.
Canos — refere-se às narinas pelos usuários de cocaína.
Careta — o não-usuário de drogas.
Charrão — cigarro grande de maconha, com espessura maior que o cigarro comercial.
Cocaína — é obtida das folhas de *Erythroxylum coca* e outras espécies de *Erythroxylum,* árvores originárias do Peru e da Bolívia, onde suas folhas têm sido empregadas há séculos pelos indígenas, para aumentar a resistência física. A cocaína é um dos mais fortes estimulantes do sistema nervoso central. Também é conhecida pelos usuários como *coca, talquinho* e *pó.*
Cogumelo — alucinógeno que nasce no estrume do boi zebu, sendo consumido na forma de chá, sopa, panqueca ou puro.
Coquetel — nome usado para a mistura de bebidas alcoólicas com comprimidos entorpecentes.
De montão — expressão que significa o excesso de drogas consumidas.
Desarvorado — quando o usuário está sob efeito de drogas alucinógenas e bastante agitado.
Devagar pacas — expressão utilizada em relação àqueles que estão começando a usar drogas.
Diamba — outra denominação referindo-se à maconha.
Estar transado — estar sob algum efeito tóxico.
Estribadão — veja *desarvorado.*

Fazer cabeça — consumir drogas; aplica-se também a fazer com que alguém consuma tóxicos.
Fazer movimento — função do traficante que compra e revende a droga.
Ficar doidão — estar sob o efeito de grande quantidade de tóxico.
Ficar ligadão — semelhante a *ficar doidão.*
Fissura — vontade ou desejo de consumir drogas.
Fissura total — vontade ou desejo incontrolável de consumir drogas.
Folia — nome de gíria para o lança-perfume.
Fumo — nome de gíria para a maconha.
Fumo adoidado — expressão que indica grande quantidade de maconha.
Fumo malocado — expressão que se refere à maconha quando escondida.
Final de cadeia — final do cigarro de maconha que passa de mão em mão.
Fininho — cigarro de maconha feito em papel de seda, que é fino e comprido.
Gás — veja *folia.*
Ingresia, ingresia ferrada — perturbação, anomalia causada por drogas.
Injuriado — expressão usada quando há uma impossibilidade para o usuário consumir a droga.
Ir à luta — sair à procura de drogas.
Joaninha — denominação utilizada pelos usuários de tóxicos, referindo-se ao carro da polícia.
Lança — nome mais usado da lança-perfume.
Lance — efeito tóxico.
Ligadão — estado em que se encontra o indivíduo consumidor, durante o efeito da droga.
Maconha — nome popular da *Cannabis sativa.*
Mandraque — denominação utilizada para aqueles que estão sob o efeito de Mandrix.
Marcha-ré — é a volta do usuário ao seu estado inicial; o efeito do tóxico está terminando.
Mercado novo — como é chamado o iniciante ao usar drogas.
Mexer — consumir, usar drogas.
Mistura fina — mistura de bebida alcoólica com comprimidos entorpecentes.
Não dá bode — significa que não há o risco do usuário sentir sono, depressão ou mal-estar sob o efeito da droga.
Não tem sujeira — significa ausência de perigo para se consumir drogas.
Over dose — usar drogas em excesso.
Papel de galo — fumo de maconha de boa qualidade.
Pegar — expressão que significa usar drogas.
Pico — qualquer substância tóxica quando aplicada na veia.
Piquenique — reunião em que todos os participantes fumam maconha.
Pirar — enlouquecer por consumo excessivo de tóxicos.

Poeirada — reunião em que todos os participantes utilizam cocaína.
Puxar fumo — fumar maconha.
Puxadinha — tragadas em cigarros de maconha.
Queimar fumo — fumar maconha.
Queimar fumo de leve — fumar maconha esporadicamente.
Rachar — dividir a quantia destinada à compra de drogas ou dividir a própria droga.
Sair de viagem — voltar ao estado inicial após ter passado o efeito das drogas.
Sem mexer — não querer utilizar drogas por algum motivo. É uma atitude momentânea ou não.
Tapinha — igual a *puxadinha.*
Torrar — fumar rapidamente todo o cigarro de maconha.
Transar — usar drogas.
Trouxinha — embalagens em que há quantidade bruta de maconha.
Vapor — traficante.
Viajar — estar sob efeitos tóxicos.

Anexo 1

Quadro sintético das características dos informantes

a) sexo: feminino — 13
masculino — 27
b) estudam atualmente:
sim — 30
não — 10
c) trabalham:
sim — 16
não — 24
d) moram com a família:
sim — 34
não — 6
e) idade atual:
18 a 19 anos — 11
20 a 21 anos — 17
22 a 23 anos — 6
+ de 23 anos — 6
f) nível de escolaridade:
2º grau completo — 22
universitário incompleto — 15
universitário completo — 3
g) idade do início do uso de tóxicos:
11 a 13 anos — 3

14 a 16 anos — 18
17 a 18 anos — 19

h) período de duração do hábito do uso de tóxicos:
1 a 2 anos — 10
3 a 4 anos — 15
5 a 6 anos — 8
+ de 6 anos — 7

i) informantes que abandonaram o uso de tóxicos — 12
informantes que continuam o uso de tóxicos — 28

Bibliografia

A dependência à droga, mesmo quando não seja fatal, pode mutilar as vítimas, às vezes para sempre. *Pais & Filhos*, Rio de Janeiro, Bloch Editores, dez. 1970.

Albrecht, Stan L. Verbal attitudes and significant other's expectations as predictor of marihuana use. *Sociology and social research.* An international journal, *57*(2):196-207, Jan. 1973.

Anais da Câmara dos Deputados. 3.ª Sessão Legislativa Ordinária da 7.ª Legislatura (sessões de 27 a 30 jun./1973). Brasília, DF, *11*:6, 58, 758.

Andrade, Oswaldo Moraes. Dependência (toxicomania) e o novo Código Penal. *Revista de Informação Legislativa*, jul. 1970.

Bahia, Juarez. Brasil, conexão internacional na geografia do tráfico. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1975.

Bourbon, Henri. La drogue — des sociétés primitives a l'epidémie actuelle. *Forum*, Paris, jan./fév. 1972.

Burgelin, Olivier. Censure et société. *Communications*, Paris, (9):122-148, 1967.

Cahiers internationaux de sociologie. Paris, Presses Universitaires de France, *60*, 1976.

Cain, Arthur. *Jovens e drogas.* São Paulo, Braziliense, 1970. 137p.

Centro de estudos sobre tóxicos já funciona no Rio e pede ajuda às autoridades. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 mai. 1974.

Como nasceu o LSD. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 15 out. 1968.

Congresso mostra efeito da maconha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1976.

Danúsia, Bárbara. Drogas — o consumo como indício de problemas internos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1975.

De Fleur, Louis B. Biasing influences on drug arrest records: implications for deviance research. *American Sociological Review*, New York, *40*(1):88-103.

Drogas — a consciência ampliada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 jun. 1973.

El hombre psicodélico es sensible y abúlico. *Tribuna Alemana* (327):14, dez. 1970.

Em discussão, o tóxico na universidade. (Um problema que não temos.) *O Estado de São Paulo*, São Paulo: 18, 13 ago. 1974.

Englebert, Jean-Marie. La drogue à sa place. *Revue Nouvelle*, fév. 1974.

EUA vendem este remédio contra drogas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1972.

Fontes oficiais dos EUA revelam outras experiências com LSD. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 jul. 1975.

Gimenez Frontin, José Luiz. Las plantas psicotrópicas y su contexto cultural. *Psicodeia*, Madrid, (2):29-33, feb. 1975.

Goodman, Louis S. & Gilman, Alfred. *As bases farmacológicas da terapêutica*, 3. ed. americana/3. ed. brasileira. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1967. 1.956p.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 out. 1970.

Kandel, Denise. Inter and intragerational influences on adolescent marihuana use. *The Journal of Social Issues, 30*(2):107-135, 1974.

Leuenberger, Hans. *La magie de la drogue.* Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1976. 197p.

Maconha, LSD, Pervitin, stenamina, cocaína, heroína. *Jornal da Tarde*, São Paulo: 19, 9 ago. 1976.
Milasvsky, J. Ronald et alii. TV drug advertising and proprietary and illicit drug use among teenage boys. *Public Opinion Quarterly*, New York: 457-481. Winter. 1975/1976.
Ministério da Justiça. Departamento de Polícia Federal. Academia Nacional de Polícia. Curso de Inspetor da Polícia Federal. *Tóxicos e entorpecentes*. partes 1 e 3. apostila.
———. *Entorpecentes*. parte 2. apostila.
O equilíbrio rompido. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 jun. 1973
Oliveira, Nei Roberto da Silva. A juventude como *status* permanente. *América Latina*, Rio de Janeiro, 16:86-122, 1973/1975.
Olivenstein, Claude. *A droga*. Lisboa, Editorial Pórtico. 104p.
———. *Il n'y a pas de drogués heureux*. Paris, Editions Robert Laffont, 1977. 328p.
ONU precisa os efeitos da maconha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 fev. 1971.
Orcuit, James D. Deviance as a situated phenomenon: variations in the social interpretation of marijuana and alcohol use. *Social Problems*, Buffalo, *22*(3):346-356, Feb. 1975.
Organização das Nações Unidas. Serviço de Estupefacientes. *Carta del información*. jun. 1974.
Países sugerem cautela nas aulas contra uso de drogas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1973.
Pesquisa diz que maconha atrofia o feto e reduz a fertilidade masculina. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 fev. 1976.
Pesquisa diz que viciado não deve ser visto como marginal. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18 dez. 1973.
Pesquisa em processos de drogas mostra que maconha envolve a maioria dos réus. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 out. 1976.
Pesquisa em Ribeirão Preto mostra que interesse do jovem por drogas é relativo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 dez. 1975.
Pesquisa revela que LSD impede organismo de eliminar infecção. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1973.
Plantas psicotrópicas y su contexto cultural. *Psicodeia*, Madrid, (2):29-33, 1975.
Quebra-cabeça das drogas. *O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, (7), jul. 1973.
Quelin, Jean-Pierre. Les enfants du vertige. *Le Monde*, Paris, 7 et 13 août 1969.
Shepherd, Clovis R. *Pequenos grupos — aspectos sociológicos*. São Paulo, Atlas S.A., 1964. 151p.
Técnicos sugerem recuperar viciado dando alternativas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 maio 1971.
Tóxicos: cultura — juventude — contestação. *Cadernos do CEAS*, Salvador, (17), fev. 1972.
Tóxicos: essa guerra também é sua. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1974.
Un colloque sur la drogue. L'invresse chimique et toxicomanie. *Le Monde*, Paris, 12 mars 1970.
Unesco. Recherche, education et information destinés a prevenir l'abus des drogues. *Maison de l'Unesco*, Paris, 25 mai 1971. mimeogr.
———. Reunion des specialistes sur les méthodes permettant d'evaluer l'action des mass media contre l'abus des drogues, 22-6 jan. 1973. *Unesco*, Paris, 1973. mimeogr.
———. Reunion sur l'education destinés a prevenir l'abus des stupefacients notamment dans les pays developes, 11-20 dec. 1972. *Maison de l'Unesco*, Paris, 1972. mimeogr.
———. Seminaire sur jeunes et l'usage des drogues dans les pays industrialisés, 1-3 mai. 1974. *Unesco*, Paris, 1974. mimeogr.
Vale Hernandez, Pedro A. Alucinación socio-cultural y la adicción a la heroína. *Revista de Ciencias Sociales*, *17*(4):443-453, dic. 1973.